

Apres

Apresentação

Apresentação

Escolhemos para tema do mês a mensagem de Páscoa de Dom José Cordeiro, da Cruz à Luz.

Do Arcebispo Primaz publicamos também homilias proferidas em Domingo de Ramos, na Missa Crismal, na Missa da Ceia do Senhor, na tarde de Sexta-feira Santa, na Vigília Pascal, no dia de Páscoa, na Missa exequial do Cónego João Aguiar Campos, na ordenação de três diáconos.

Publicamos, da Igreja em Portugal, diversas informações da Conferência Episcopal com particular relevo para as eleições, para as vítimas de abusos e para a criação do Grupo Vita.

Do Papa Francisco publicamos homilias proferidas em Domingo de Ramos, na Missa Crismal e na Vigília Pascal. Damos a conhecer também as mensagens Urbi et Orbi e para o 60.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações.

Em textos da responsabilidade do Movimento de Trabalhadores Cristãos /Liga Operária Católica alertamos para as dificuldades criadas pelo aumento do custo de vida.

O Diretor

1.

Tema do Mês

Da Cruz à Luz

*Mensagem de Páscoa de Dom José Cordeiro -
Arcebispo Metropolitana de Braga.*

Jesus Cristo é a nossa Páscoa e a nossa paz.

Aleluia! Alegria!

Aleluia! Identifica-se com a alegria de nos sentirmos amados e perdoados por Deus. Páscoa de Páscoas.

Ele que veio habitar no meio de nós para nos libertar. A Cruz liberta.

Da Cruz passamos à luz da ressurreição.

Nos dinamismos da Jornada Mundial da Juventude a Cruz é o sinal máximo do amor e do encontro com Cristo e com tantos jovens de tantas culturas e línguas.

De modo especial com os jovens, mas juntamente com as crianças e os adolescentes, os adultos, os idosos, abraçamos a Cruz, que é a árvore da vida, para que frutifique em nós a compaixão, a ternura, a misericórdia, o amor, a cultura do encontro e da fraternidade.

Jesus Cristo ressuscitado continua ferido, sobretudo nos doentes, nos reclusos e nas pessoas vítimas de qualquer tipo de violência, nas pessoas com deficiência, nos migrantes e naqueles que andam à busca de sentido da vida e de muitos que perderam a esperança.

Cristo vive e quer-te vivo, como nos apela o Papa Francisco.
Que esta Páscoa seja ocasião de renovar o Aleluia e a alegria.

2.

Igreja Diocesana

1. Dos nossos Pastores

A porta da Semana autêntica

Homilia proferida por Dom José Cordeiro, na Sé, em Domingo de Ramos na Paixão do Senhor 2023.

1. A Cruz, porta aberta da Páscoa

Nos usos litúrgicos bracarenses, entre a procissão de ramos e a entrada na Sé, aclamamos a cruz: «Avé, nosso Rei, Filho de David, Redentor do mundo», atirando folhas de oliveira e, seguidamente, o Arcebispo bate por três vezes com a Cruz na porta, evocando o salmo 23, 9-10: «levantai, ó portas, os vossos umbrais, alteai-vos, pórticos antigos, e entrará o Rei da glória...». A cruz é a porta aberta da Páscoa, pois a Páscoa é sempre nova.

A porta recorda de imediato as palavras de Jesus: «Eu sou a porta, se alguém entrar por Mim, será salvo» (Jo 10,9). Cristo é a passagem do homem para o encontro com Deus. Tanto na sua estrutura como no seu ornamento, a porta é símbolo de Cristo, a única porta da misericórdia. Por isso, passar a porta da igreja está cheia de significados e compromissos, como canta o salmo 117: «esta é a porta que leva ao Senhor; os justos entrarão por ela».

Uma porta é, por um lado, uma realidade que fecha e separa dois lugares e, por outro lado, que abre e mete em relação e comunicação. Tem além da sua função prática este apelo de passagem, da condição de peregrinos à de contemplativos. A porta é assim uma meta, o termo de uma etapa de um processo de conversão: passar desta vida à vida eterna, da condição de pecador à salvação.

Recordamos que a vida cristã é uma grande peregrinação à casa do Pai. Por isso, somos um povo que caminha nas estradas e nas ruas da vida. Também, em sinal disto mesmo, peregrinamos hoje à igreja Catedral, a casa da oração e a porta do céu. «Aqui celebramos a claridade, porque Deus nos criou para a alegria» (Sophia de Mello – casa de Deus).

2. Conclusão do Itinerário batismal

O caminho batismal desta Quaresma culmina neste Domingo de Ramos na paixão do Senhor. De facto, nos cinco domingos anteriores, o Lecionário (a Bíblia para a Liturgia) distribuiu-se do seguinte modo: no primeiro e segundo domingos, escutámos as narrações da Tentação e da Transfiguração do Senhor, segundo São Mateus; Nos três domingos seguintes: o Evangelho da Samaritana (Jo 4, 5-42), do cego de nascença (Jo 9,1-41) e da ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-45). Estes Evangelhos salientaram a revelação pessoal de Jesus ao homem como ‘água viva’, ‘luz do mundo’ e ‘ressurreição e vida’, prefigurando a realidade pascal-batismal.

A Igreja não é uma elite de perfeitos, mas uma porção da humanidade tal como é, santa e pecadora. Todos são capazes de fazer coisas excepcionais com pessoas excepcionais. Deus é capaz de fazer coisas excepcionais com pessoas normais ou até com os mais simples.

Infelizmente também na Igreja a confiança de muitos foi traída por abusos de alguns dos seus membros. A purificação e a reparação só são possíveis pelo perdão, pela escuta e pelo acompanhamento de quem foi ferido e traído. Juntos e todos, caminhemos numa cultura de não violência e, sobretudo numa cultura do cuidado, do encontro, da transparência, da segurança e da fraternidade.

3. Igreja de portas abertas

A Igreja é uma mãe de coração aberto e «a Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. (...) A Igreja é chamada a ser sempre a casa aberta do Pai. Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado, igreja com as portas abertas. (...) e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer. Isto vale sobretudo quando se trata daquele sacramento que é a “porta”: o Batismo. (...) Muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega, é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigante» (EG 46-47).

A Igreja não existe e não pode viver só para si mesma. Existe para o acolhimento de todos, existe para a Missão, ou melhor para evangelizar com o Evangelho de quem sempre se evangeliza nos amplos horizontes de Deus.

Acolher não é só dialogar, mas deixar entrar alguém. Precisamos urgentemente de uma pastoral da escuta e do acolhimento mais cuidada nas nossas comunidades.

A Igreja Arquidiocesana, da qual a igreja Catedral é símbolo da unidade, deve ser casa que sabe acolher e escutar medos e esperanças das pessoas, perguntas e angústias e que sabe oferecer um corajoso testemunho e um anúncio credível da verdade, que é Cristo. O acolhimento cordial e gratuito é a condição primeira da evangelização tão antiga e sempre nova.

Amar a Igreja, esta Igreja, como Cristo a ama e me ama, ainda que com sofrimento se descubram estruturas que não estão em harmonia com mesmo e único Evangelho de Jesus Cristo.

Confiamos na oração a peregrinação da fé e do acolhimento e da hospitalidade cristã, como o salmista canta no Salmo 21: «mas Vós, Senhor, não Vos afasteis de mim, sois a minha força, apressai-Vos a socorrer-me. Hei de falar do vosso nome aos meus irmãos, hei de louvar-Vos no meio da assembleia».

No drama da cruz de Jesus cumpre-se o drama da cruz de cada um de nós. O sofrimento que vem da coerência e da fidelidade a Deus, à verdade, à justiça, à paz, aparentemente conduz à derrota, à desgraça e até à morte, mas autenticamente conduz à vida. Foi assim com Jesus Cristo e assim será conosco. A Semana Santa, ou semana maior, é ainda designada, em documentos antigos, por semana autêntica, porque válida a nossa vida cristã no autêntico mistério pascal, que o próprio Jesus Cristo, ferido e ressuscitado.

Padres com coração sinodal samaritano

*Homilia de Dom José Cordeiro na Missa Crismal,
na Sé, em 06 de abril.*

A manhã de quinta-feira santa junta-nos na Sé para atualizar a sacramentalidade da Igreja sinodal samaritana com a bênção e a consagração do azeite da unção e com a renovação das promessas

do presbitério unido na mesma fraternidade sacramental. A Quaresma começa com o rito austero das cinzas na testa e conclui-se com a frescura do primeiro amor da unção e com o próprio azeite que santifica. Jesus Cristo é o bálsamo da alegria do nosso ministério.

O azeite é o fruto da oliveira e atenua os sofrimentos e quando aplicado com misericórdia é símbolo da pastoral sinodal. É o que acontece na memorável parábola do bom samaritano que cuida e acompanha o homem que caiu nas mãos dos assaltantes (cf. Lc 10, 34).

Além de condimentar as comidas o azeite cura, com a sua fragrância, os ferimentos.

Martin Luther King, num discurso a 3 de Abril de 1968, um dia antes de ser assassinado, citou esta mesma parábola e abraçou uma pergunta. O sacerdote e o Levita questionaram-se: «se eu parar para ajudar esse homem, o que me acontecerá?» Mas o bom Samaritano trocou a pergunta: «se eu não parar para ajudar esse homem, o que lhe acontecerá?».

Queremos ser samaritanos de sinodalidade, ou seja, queremos caminhar juntos no cuidar bem de todos, especialmente dos que mais sofrem e dos que foram e são vítimas de abusos e violências, de pobreza e de indiferença?

Uma cultura sinodal samaritana não consente o funcionalismo, o carreirismo e o clericalismo, mas esforça-se todos os dias nas atitudes do serviço, da humildade e da caridade. A função não ofusque o perfume da unção.

1. Sinodalidade na caridade pastoral

O decreto conciliar *Presbyterorum Ordinis* privilegiou o uso do conceito caridade pastoral para assinalar o vínculo da caridade pastoral no exercício do ministério presbiteral como *amoris officium*.

Segundo esta expressão de Santo Agostinho, existe uma íntima conexão entre a vida espiritual do presbítero e o exercício do seu ministério.

A caridade pastoral ou o ofício do amor do presbítero deve ser o de apascentar o rebanho do Senhor, no dom total de si à Igreja, e não se apascentar a si mesmo.

A própria identidade presbiteral deriva da participação específica no sacerdócio de Cristo e esta insere o presbítero no mistério trinitário e no mistério da Igreja.

Os presbíteros têm como uma obrigação, por motivo peculiar da sua ordenação, tender à santidade.

Na verdade, na epiclesa da oração de ordenação dos presbíteros pede-se a Deus Pai que renove no coração dos presbíteros o Espírito de santidade, para que a vida presbiteral seja edificativa para todos.

Todavia, no ministério e na vida dos presbíteros existe o grande perigo de reduzir a sacramentalidade a mero funcionalismo ou ativismo, que são a nova feição do clericalismo, porque esquece a sacramentalidade da sinodalidade.

Como lembrava Santa Teresa de Jesus: «o essencial não é pensar muito, mas amar muito».

O dom de Deus recebido na ordenação é para ser quotidianamente renovado, conforme a exortação paulina: «Não te esqueças do dom que está em ti, que te foi dado mediante uma profecia acompanhada da imposição das mãos dos presbíteros» (1Tm 4,14; cf. 2Tm 1,6).

2. A sacramentalidade da sinodalidade

Há 20 anos, na exortação *Ecclesia in Europa*, São João Paulo II escreveu acerca daquela urgência que se reavive na Igreja o autêntico sentido do mistério: «sê uma Igreja que reza, louva a Deus, reconhece-Lhe o primado absoluto e exalta-O com jubilosa fé.

Redescobre o sentido do mistério: vive-o com humilde gratidão; testemunha-o com alegria convicta e contagiante. Celebra a salvação de Cristo: acolhe-a como um dom que faz de ti seu sacramento; faz da tua vida o verdadeiro culto espiritual agradável a Deus». Acolher o Mistério, abre a um ministério.

Só o Mistério revela o Mistério. O desafio do caminho sinodal é do Mistério ao ministério.

A síntese relativa à primeira fase do Sínodo sobre a Sinodalidade, que foi objeto de um debate aberto na feliz assembleia sinodal, feita no espaço Vita, no memorável dia 14 de junho, juntamente com o documento elaborado pelo Grupo Sinodal arquidiocesano referente à etapa continental serão uma boa ferramenta para uma renovada etapa do caminho sinodal da nossa Arquidiocese.

Por isso, convocamos todos os grupos sinodais já existentes e mais grupos a criar para a II Assembleia sinodal de um dia inteiro a realizar no dia 16 de setembro de 2023, para juntos discernirmos as opções e os caminhos a seguir.

Cada grupo poderá indicar até dez prioridades que entendam para a ação pastoral futura da Arquidiocese.

Juntos e todos, poderemos sonhar um projeto pastoral arquidiocesano até 2033, ano em que celebraremos os 2000 anos da Páscoa da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, o coração do Ano Litúrgico?

3. A pastoral da Caridade

A unidade entre a vida e a atividade encontra na pastoral da caridade, sendo ainda mais claro, se consideramos a passagem evangélica do lava-pés (Jo 13, 1-15) no contexto da preparação da última ceia e mistério pascal; bem como o *mandatum novum*.

Para Jesus, a única autoridade é o serviço. Com a água nos pés, abre-se a celebração do Tríduo pascal. A pessoa toda é convocada na conversão pastoral e missionária.

É assim desejável, em razão do seu amor pastoral, que o Presbítero, representação de Cristo e da Igreja, torne presente na história o que escutamos no Evangelho e na primeira leitura pela palavra do profeta Isaías: «o Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres».

A Eucaristia é aquela celebração que o Presbítero «com sublime e divina monotonia, deverá realizar todos os dias da sua vida, até que um dia da sua inteira vida será consumado naquele sacrifício, que ele celebrou cada dia» (K. Rahner).

A vida espiritual do presbítero deve, pois, alimentar-se da celebração da Liturgia das Horas e, quanto possível, convidar os fiéis para «a celebração comunitária das partes mais importantes da Liturgia das Horas, mormente nos domingos e festas» (IGLH 23).

O seguimento de Cristo pode ser vivido de formas variadas, mas é nas ações litúrgicas que Cristo está de modo especial presente. Por isso, «a liturgia é estar à volta da pessoa do Senhor, escutá-lo, falar-lhe, rezar-lhe, deixá-lo rezar por nós. Tudo isto que os Evangelhos referem de Jesus entre a gente é uma antecipação da liturgia e por sua vez a liturgia é uma continuação dos evangelhos» (C. Martini).

A formação permanente concretiza a centralidade de Cristo, este estar com Jesus Cristo, e ir atrás dele, mantendo os olhos fixos nele, como escutámos no Evangelho.

A resposta inicial ao chamamento de Jesus, aquela do dia da ordenação, deve reafirmar-se ao longo dos anos do presbiterado e em numerosíssimas respostas, todas radicadas e vivificadas no “sim” da ordenação: neste sentido até se pode falar de uma vocação “no” presbitério.

Em ordem a uma comunhão efetiva e afetiva e a uma amizade fraterna existem alguns momentos privilegiados: de carácter

litúrgico (a concelebração da Missa crismal de Quinta-Feira Santa; a concelebração nas ordenações; outros momentos de oração que a Arquidiocese recomenda ao ritmo do Ano litúrgico); de carácter pastoral (a visita pastoral, os encontros de espiritualidade sacerdotal, os atuais dinamismos da Jornada Mundial da Juventude); de carácter cultural (encontros de estudo e de reflexão comum, desporto e convívio); de carácter existencial (os arceprestados, as formas de vida em comum, o IDAC, as associações sacerdotais, a fraternidade sacerdotal); de carácter espiritual (o retiro anual, a recolção mensal, a lectio divina, a prática da direcção espiritual, a devoção mariana).

A liturgia existencial renova no presbítero a frescura perene de Cristo na novidade da história do homem, no “sacerdócio de serviço” que se realiza na comunidade cristã através da presença ativa e operante de Cristo no seu mistério pascal e dador do Espírito.

O ministério da Palavra, a celebração dos sacramentos, a caridade pastoral e o ministério da oração empenham toda a personalidade do presbítero no cuidado do rebanho a si confiado.

4. Senhor, cantarei eternamente a vossa bondade

Para terminar, o teólogo Johann Baptist Metz, pai da teologia política que emerge do Concílio Vaticano II, referia que a Igreja antes de ser crítica da sociedade, precisa de fazer uma “auto-crítica” a si própria, pois é na medida em que ela faz uma crítica interna que lhe advém toda a autoridade profética para ser uma voz crítica da própria sociedade.

Por todas as vezes que o nosso ministério não foi lugar de acolhimento e hospitalidade, de fidelidade e generosidade, de encontro fraterno autêntico, pedimos humildemente perdão a Deus, à Igreja e a todas as pessoas vítimas das sombras que não deveriam acontecer no mistério da luz e da liberdade na verdade.

Sabemos que não é suficiente pedir perdão. Por isso, estamos empenhados em escutar, acompanhar, proteger e reparar as pessoas vítimas que o desejem, como já o dissemos na nossa carta ao Povo de Deus, reforçando a nossa firme responsabilidade com a publicação do “relatório da Comissão Independente para o estudo dos abusos sexuais contra as crianças na Igreja Católica Portuguesa”.

Hoje, ao vivermos um injusto clima de suspeição presbiteral, não podemos, contudo, deixar de agradecer a Deus o tácito e enorme trabalho pastoral que tantos presbíteros desempenham na sua missão.

Por isso, hoje é o dia de agradecer também o vosso amor e dedicação à Igreja Arquidiocesana. Quero, por isso, louvar a Deus por todos e cada um de vós, nomeadamente:

1. Os presbíteros que, no seu silêncio e anonimato, vivem com rigor a beleza do seu ministério sacerdotal e fidelidade ao Evangelho;

2. Os presbíteros que, com os seus dons e “defeitos de estimação”, apenas desejam construir progressivamente uma Igreja de todos e para todos;

3. Os presbíteros que, em nome da comunhão, têm a coragem de ir ao encontro dos seus irmãos presbíteros em sofrimento, no ambiente onde estão, na casa paroquial, na casa sacerdotal ou outro lugar, não permitindo o seu isolamento e abandono presbiteral;

4. Os presbíteros que, em nome da sinodalidade, procuram operar as orientações pastorais da Igreja universal e arquidiocesana;

5. Os presbíteros que, no seu justo sentido de subsidiariedade, cumprem para com as obrigações económicas da Arquidiocese, de modo a que o pouco seja o suficiente para sustentar a alegria da missão do Evangelho;

6. Os presbíteros que, no seu belo zelo pastoral, procuram apascentar e integrar todos os membros da comunidade, não deixando nenhuma ovelha para trás;

7. Os presbíteros que, além dos mecanismos paroquiais da ação social (diaconia da caridade), bastantes vezes abdicam das suas próprias remunerações para, à semelhança do bom samaritano, ajudar economicamente as famílias mais vulneráveis das suas comunidades;

8. Os presbíteros que, numa dedicação radical ao Evangelho, muitas vezes só lhes resta tempo para jantar às 11h da noite numa bomba de gasolina;

9. Os presbíteros que acompanham os dinamismos da Jornada Mundial da Juventude e testemunham vivamente que a «pastoral juvenil só pode ser sinodal» (Papa Francisco);

10. Os presbíteros que não se contentam em doar-se com o mínimo indispensável, mas se esforçam com o máximo possível.

11. E, os presbíteros que, apesar das inúmeras difamações injustas a que estão sujeitos, jamais deixam de amar loucamente o Senhor Jesus, que é o único mistério pleno do nosso ministério.

Caríssimo Presbítero, lembra-te que Deus escolheu-te por aquilo que tu és: Deus não te quer perfeito, mas quer-te íntegro e a tempo inteiro. E como nos recorda um dos cânticos litúrgicos mais conhecidos do nosso Minho, da autoria do Pe. Henrique Faria, resta-nos rezar a Deus ao final de cada jornada: «Tomai e recebei as horas do meu dia. Alegrias e dores, penas e trabalhos. Fora eu rico, Senhor, e muito Vos daria. Mas sei que nada valho».

Desejei ardentemente

Homília de Dom José Cordeiro na Sé, na Missa da Ceia do Senhor, em 06 de abril.

1. Plenitude da caridade e da vida: «Amou-os até ao fim»

A partir da fórmula de Jesus antes da última ceia: «desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de padecer» (Lc 22,15), o Papa Francisco escreveu uma carta apostólica sob o mesmo título *Desiderio derideravi*, salientando que a Liturgia não é um conjunto de formulários rituais, mas é a manifestação do Evangelho.

Este texto foi assinado no dia 29 de junho de 2022, dia em que recebi das suas mãos o pálio que uso, e que depois foi entregue aqui na Sé, no dia 10 de julho pelo Núncio Apostólico.

O Santo Padre faz um caloroso apelo a favor da formação litúrgica do Povo de Deus. A formação à Liturgia e a formação pela Liturgia é a fonte da espiritualidade cristã.

A Liturgia é o lugar do encontro com Jesus Cristo. De facto: «não nos basta ter uma vaga recordação da última ceia: nós precisamos de estar presentes nessa Ceia, de poder ouvir a sua voz, de comer o seu Corpo e beber o seu Sangue: precisamos d'Ele» (n. 11).

A plenitude da caridade e da vida consiste em amar até ao fim. A Eucaristia é o sacramento, ou seja, é o sinal eloquente do amor. «Na santa Igreja, tudo pertence ao amor, vive no amor, faz-se por amor e vem do amor» (São Francisco de Sales).

2. A pastoral juvenil só pode ser sinodal

Hoje, 14 jovens delegados dos 14 Comitê organizador do Arciprestados da nossa Arquidiocese nos dinamismos admiráveis da Jornada Mundial da Juventude, deixaram-se lavar os pés por mim. Os discípulos deixaram-se lavar os pés pelo Mestre.

Este gesto não é fácil, pois significa deixar que a Graça entre em nós e deixar que a cruz atue em nós.

O Papa Francisco no fim da exortação pós-sinodal *Christus Vivit* manifestou um desejo: «Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi “atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós”».

É de joelhos que lavamos os pés, imitando o gesto extremo de serviço que Jesus realizou.

Braga é conhecida por ser a cidade e a região mais jovem de Portugal. Onde há jovens tem de haver muitos sonhos e críticas. Caminharemos juntos no dinamismo eclesial da JMJ, Lisboa 2023, para construir uma Igreja de portas escancaradas para todos e um mundo melhor. Estamos juntos, caríssimos Jovens!

3. Uma toalha à cintura

No costume do Próprio Bracarense o gesto do lava-pés acontece logo no início da Eucaristia e começa com uma expressiva oração dirigida a Jesus Cristo: «olhai, Senhor, nós Vo-lo pedimos, para este nosso gesto de serviço... tal como lavamos a parte exterior do corpo, assim o nosso coração seja purificado por Vós, que sois Deus com o Pai na unidade do Espírito Santo».

A toalha ou pano para enxugar é o sinal maior do amor no serviço: «levantou-se da ceia, tirou as vestes e, tomando uma toalha, atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a secá-los com a toalha que tinha atado à cintura» (Jo 13,4-5).

Em todos os textos da instituição da Eucaristia vemos Jesus a doar-se com toda a sua pessoa, doando-nos o corpo e o sangue e o mandamento novo do amor. Por isso, a Eucaristia é inconciliável com as divisões e as discórdias, sobretudo dentro da Igreja.

A caridade da comunidade cristã modelada na Eucaristia procura aproximar-se concretamente de toda a pessoa que sofre por qualquer motivo de violência e abuso, de cada doente, de cada excluído, drogado, recluso, para ser testemunho do amor de Cristo e companheiro na viagem da vida.

Às vezes estamos mais preocupados com os critérios humanos da eficiência e do sucesso e até nos perguntamos: «que dizem os outros de mim?», em vez de me perguntar: «que pensa Deus de mim?».

Muitas das nossas dificuldades pastorais nascem do cansaço de nos deixarmos conduzir pela lógica da cruz e de lavarmos os pés uns aos outros.

Porquê a Cruz?

*Homília proferida por Dom José Cordeiro na Sé,
na tarde de Sexta-feira Santa, em 07 de abril.*

1. Olhar o crucificado

A celebração da paixão do Senhor leva-nos a confiar na loucura da cruz como lugar da salvação que esperamos no mistério central da fé da Igreja: «salve-nos a loucura da tua cruz/ que nos ensine o amor/ e a graça de chamar-te/ Pai, Filho e Espírito Santo» (J. A. Mourão).

E interroga o jovem venerável Bernardo de Vasconcelos: «Conheces a “vida viva”/ que nem a morte cativa?», para confessar na hora da morte: «Jesus, Jesus, sou todo de Jesus».

O amor tem a forma da Cruz. Seremos capazes de olhar a cruz e de acolhê-la no quotidiano da nossa vida?

Junto da cruz, como experimentamos na peregrinação de fevereiro (29.01-03.03.2023) com os jovens na força admirável desta etapa da Jornada Mundial da Juventude: «nem todas as lágrimas são tristezas, nem todos os sorrisos são alegrias» (P. Chiziane).

As cicatrizes de todos os que sofrem são as cicatrizes do crucificado ressuscitado. Com efeito, «se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens. Mas de facto Cristo ressuscitou de entre os mortos, e tornou-se as primícias dos que dormem» (1 Cor 15, 19-20).

A oração universal ou dos fiéis tem hoje um tom solene e modelar na liturgia da Igreja. Além das intenções já listadas, que-remos também rezar por todas as pessoas vítimas dos abusos de poder, de consciência e sexual.

2. Perguntas diante da cruz

Porquê a Cruz?

A paixão do Senhor coloca-se entre dois extremos: a amargura e a solenidade. Santo Ambrósio chama à Sexta-feira Santa, o dia da amargura; Santo Agostinho apelida-a de solenidade da paixão do Senhor.

Na contemplação de Cristo crucificado, vem-nos ao coração os inúmeros crucificados de sofrimento do mundo inteiro e da nossa Arquidiocese e cidade: doentes, vítimas de todo o tipo de violência, idosos, reclusos, migrantes, pessoas com deficiência, pessoas exploradas, pessoas submergidas na droga, pessoas sem abrigo.

Vale mais o que se diz, ou quem o diz?

Vale mais o que nos une, ou o que nos divide?

Vale mais a oferta sobre o altar, ou a reconciliação com o irmão?

Porquê tanta violência na família?

Porquê a violência no namoro?

Porquê a falta de habitação condigna para todos?

A esperança habita em ti?

A Cruz é a porta aberta da Páscoa.

3. Silêncio

O silêncio orante e contemplativo é hoje especialmente experienciado. Na verdade, «Quem não sabe calar não sabe escutar. E quem não sabe escutar não reza, mas quem não sabe rezar nunca poderá entender nada do mistério de Deus (...). O silêncio não é um vazio, uma clausura, mas um fluir no Verbo, um abrir-se ao eterno, um dar espaço à escuta Daquela que nos habita (...). Nada tem eficácia quanto o silêncio carregado de Deus, a oração» (A.M Canopi).

A Virgem Santa Maria, Mãe de Deus e de Deus Filha, mãe do céu, é exemplo de escuta da Palavra de Deus em ordem a uma conformação cada vez maior ao mistério da cruz. Ela é a perfeita discípula do Senhor, que O segue até à cruz e nos ensina os remédios: encontro pessoal; escuta; (bem)dizer.

A resposta de Deus ao sofrimento e à dor é Jesus Cristo crucificado e ressuscitado e depois só o silêncio orante e contemplativo.

Aqui na Sé de Braga, experimentamos o silêncio carregado da cruz pascal, como escreveu Maria Ondina Braga: «Muito fresca a Sé nas tardes de verão. A nave escura e imensa de silêncio».

Luz da noite

Homília de Dom José Cordeiro, na Sé, na Vigília Pascal, em 08 de abril.

1. Batismo, primeiro encontro com a Páscoa

O primeiro encontro com a Páscoa é o acontecimento do Batismo. Hoje, 9 nossos irmãos e irmãs, jovens e adultos celebram a sua iniciação cristã na Igreja. Recorda o Papa Francisco: «Não é uma adesão mental ao pensamento de Cristo ou a subscrição de um código de comportamento imposto por Ele: é o imergir-se na sua paixão, morte, ressurreição e ascensão».

A oração da bênção da água batismal revela-nos este comovente acontecimento de salvação e como Deus criou a água em vista do Batismo: «Receba esta água, pelo Espírito Santo, a graça do vosso Filho Unigénito, para que o homem, criado à vossa imagem, no

sacramento do Batismo seja purificado das velhas impurezas e ressuscite homem novo pela água e pelo Espírito Santo. Desça sobre esta água, Senhor, por vosso Filho, a virtude do Espírito Santo, para que todos, sepultados com Cristo na sua morte pelo Batismo, com Ele ressuscitem para a vida».

A água do Batismo, observa Santo Agostinho, «toca o corpo e purifica o coração». A água, só por si, não dá a vida, mas a água, transformada por Cristo, salva e dá a vida. Com um autor do séc. II, podemos, com efeito, afirmar: «felizes daqueles que, pondo toda a sua esperança na cruz, desceram à água do Batismo». Com efeito, a fé mergulha no dom da água que dá a vida.

Ninguém nasce cristão, torna-se cristão pelo Batismo, a fonte de todas as vocações. O percurso iniciático, o catecumenado, de âmbito catequético-litúrgico e moral destina-se não apenas a fazer o cristão, mas a própria Igreja. A insistência do carácter sacramental da Iniciação quer sublinhar a iniciativa divina gratuita de Deus. A evangelização exige o tempo da maturação na fé no tempo a que se chama catecumenado. «Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiante» (Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* 35).

O encontro com Jesus Cristo é para todos: crianças da primeira infância, crianças da infância, adolescentes, jovens, adultos. Na verdade, os cristãos são ou devem ser assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações (cf. At 2,42).

O banho regenerador do Batismo exprime a fé na eficácia do seu rito, num movimento antitético *vetus-novus* (=velho-novo),

de passagem da morte à vida. Na água batismal entra o homem pecador e dela sai o homem justificado, isto é, acontece a sepultura do homem velho do pecado na morte de Cristo e a recriação do homem novo na pessoa de Cristo ressuscitado, *in novitate vitae* (cf. Rm 6,3-11; cf. Ef 2,15). A novidade e o nascimento são obra do Espírito que se realiza na Iniciação Cristã, inaugurando-se, por meio do sacramento do Batismo, uma vida nova em Cristo configurada ao seu mistério pascal.

2. Ressuscitou

A pastoral atual na nossa Arquidiocese é ainda muito marcada pelo modelo de cristandade, apresentando muita dificuldade, e às vezes, muita resistência para assumir uma reviravolta missionária. Esta conversão pessoal, pastoral e missionária é claramente proposta pelo Papa Francisco: «sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação» (*Evangelii Gaudium* 27).

Algumas ações da escuta da Palavra, de lectio divina, de celebração litúrgica, de adoração eucarística, de caridade, de formação permanente paroquial, da Unidade Pastoral, do Arciprestado e da Arquidiocese têm contribuído muito para esta consciência de pertença a Cristo e à Igreja e ao novo paradigma pastoral da corresponsabilidade eclesial.

Precisamos de Paróquias e Unidades Pastorais, no sentido de comunidade de comunidades, onde as pessoas, os grupos, as relações humanas e os espaços de comunicação sejam mais importantes que as estruturas, a organização e os serviços. Na realidade, «Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de re-

novado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”» (Evangelii Gaudium 11).

3. Luz Pascal

O rito do acendite é uma característica do costume bracarense. Por três vezes se acende e se apaga o círio pascal. A luz vem da boca do dragão que tem três velas, simbolizando a Santíssima Trindade.

O simbolismo da luz e das trevas, uma beleza litúrgica e espiritual, remete-nos imediatamente para a centralidade do mistério pascal: Jesus Cristo é a Luz do mundo.

A noite mais clara que o dia, que é a Páscoa, é uma liturgia cósmica onde os elementos sensíveis: do fogo, da luz, da água, participam na vida nova dos crucificados ressuscitados de todos os tempos.

Aleluia! Aleluia!

*Homília proferida por Dom José Cordeiro, na Sé,
em dia de Páscoa.*

1. Aleluia! Alegria!

Aleluia é uma palavra que resume toda a oração de louvor: louvai a Deus. Esta aclamação litúrgica une-nos ao povo judaico e à grande tradição da fé cristã do Oriente e do Ocidente, encontrando-se já nos Salmos e especialmente no livro do Apocalipse.

Aleluia identifica-se com alegria. Na Liturgia assume uma relevância como aclamação antes do Evangelho.

Esta solene proclamação é também vivida por muitas famílias ao abrirem a porta da sua casa à Visita pascal ou compasso pascal, cum Passo com o crucificado ressuscitado. A tão bela tradição entende-se como prolongamento da alegre notícia da Ressurreição do Senhor, anunciada na celebração do mistério pascal.

O texto do Evangelho de João coloca-nos em movimento, a caminho com Pedro. Ele foi ao sepulcro impelido pelas palavras de Maria Madalena. Pedro e o discípulo que Jesus amava correm ao sepulcro e verificam os sinais. Precisamos de correr rápido atraídos por Cristo vivo na Eucaristia, na oração pessoal, familiar e comunitária, nas boas práticas do bem, da justiça e da paz.

Pedro permanece na dúvida, enquanto o discípulo predileto acredita «viu e acreditou». No entanto, o texto conclui que ainda não estavam preparados para a revelação pascal, «porque ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos». Por conseguinte, as Escrituras são apresentadas como o critério hermenêutico para acolher e entender na fé o acontecimento da ressurreição de Cristo.

2. O assombro pelo mistério pascal

Lembra o Papa Francisco: «se viesse a faltar o assombro pelo mistério pascal que se torna presente no concreto dos sinais sacramentais, poderíamos verdadeiramente correr o risco de ser impermeáveis ao oceano da graça que inunda cada celebração».

Hoje, na Sequência pascal escutámos: «a morte e a vida travaram um admirável combate: depois de morto, vive e reina o Autor da vida. (...) Ressuscitou Cristo, minha esperança: precederá os seus discípulos na Galileia. Sabemos e acreditamos: Cristo ressuscitou dos mortos».

O maior perigo que a Igreja pode correr na evangelização, na celebração e na diaconia da caridade é querer viver como se Cristo

não estivesse vivo e ressuscitado. Ele, Bom Samaritano, continua a gerar e a acompanhar a Sua Igreja.

Juntos, em processo sinodal dinâmico, seremos capazes de imaginar um futuro diferente para a Igreja Bracarense: alegria contagiante, escuta acolhedora, portas abertas, mãe que busca os seus filhos, centrada no Evangelho, discípula missionária, formação permanente, comunhão pastoral.

3. Povo pascal em caminho

O conceito Povo de Deus foi o escolhido pelo Concílio Vaticano II para dizer o sentido da Igreja. Na verdade, a Igreja nasceu da Páscoa, pode chamar-se Povo pascal em caminho. Esta é a base da sinodalidade na Igreja.

A Páscoa convoca-nos a conversão permanente.

«Deus, Páscoa de páscoas, Deus da nossa noite do coração, do deserto que nos paralisa, sem visões de água ou rumores de gente ou história, dá-nos a coragem de avançarmos pela água dentro porque vais à frente do nosso medo e a profecia que visa a justiça nos precede» (J. A. Mourão).

Eis-nos no ponto alto de configuração com a cruz: o mistério pascal de Jesus Cristo.

Vivida a graça quaresmal, exultamos com a glória e a paz que o Ressuscitado nos concede pelo seu Espírito, para darmos frutos abundantes.

O Ressuscitado continua ferido nos crucificados de hoje, nomeadamente nas pessoas: doentes, reclusas, vítimas de todo o tipo de violência, migrantes, com deficiência, e naquelas que andam à procura do sentido da vida e outras que desistiram de procurar.

Cristo vive e quer-te vivo!

Corramos todos juntos numa Igreja sinodal samaritana abraçando os caminhos da Missão do Evangelho da Esperança.

Alegremo-nos. Cristo ressuscitou verdadeiramente! Aleluia!
Alegria!

Até depois do depois

Homilia proferida por Dom José Cordeiro nas Exéquias do Cón. João Aguiar, em 28 de abril, na Sé.

1. Viverá por Mim

«Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e Eu nele. Assim como o Pai, que vive, Me enviou e Eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim» (Jo 6, 56-57).

O texto evangélico da liturgia de hoje foi bem comentado pelo Cón. João no livro “Intemporal”: «instituinto a Eucaristia, Jesus cumpriu a promessa de estar sempre connosco. No discurso do Pão da Vida, no evangelho de S. João, Jesus apresenta a Eucaristia como dom da Trindade: é o Pai quem dá o pão do céu; Ele, Jesus, é esse pão; e é o Espírito quem vivifica. (...) Alguém escreveu que a Eucaristia é “um programa de vida” que implica, diariamente, um amor autêntico. Importa colher da participação na Eucaristia o desafio e a força para o compromisso na transformação da sociedade. (...) O amor pelos pobres e marginalizados não foi apenas objeto da pregação de Jesus, mas deu sentido a toda a sua vida».

Assim aconteceu a Saulo, escolhido por Jesus Cristo como instrumento para levar o Evangelho ao conhecimento dos povos,

a partir do momento que «lhe caíram dos olhos uma espécie de escamas e recuperou a vista» (cf. At 9, 1-20).

2. O sepulcro de dentro para fora

Em 2015, no dia de S. Francisco de Sales, convidei o Cón. João Aguiar a um encontro de convívio e formação com a comunicação social presente na Diocese de Bragança-Miranda, e nessa manhã ele afirmou: «Uma das obrigações da comunicação social da Igreja é ser uma agência de sentido, é dizer que, mesmo o sepulcro onde foi enterrado Nosso Senhor é diferente se o virmos de dentro para fora. Se o virmos de dentro para fora encontramos a Ressurreição. Se o virmos de fora para dentro só encontramos o escuro de morte. E fazer das coisas e dos acontecimentos, e das dores dos acontecimentos uma leitura crente, é necessariamente a nossa obrigação, o nosso papel, a nossa marca distintiva. Se deitarmos as mãos à cabeça e dissermos que não temos esperança, estamos a contrariar aquilo que é a nossa obrigação».

O que é a Esperança? «Esperança. Eis uma palavra que não deveria nunca esperar tanto na fila da ordem alfabética. Para mim é na esperança que começa o abecedário!...» (J. Aguiar), porque «A alegria completa nasceu numa manhã de graça, num lugar improvável: perto de um sepulcro» (J. Aguiar).

3. Falar aos homens das coisas de Deus

No dia 25 de março 2023, tivemos a graça de comemorar os 50 anos ordenação presbiteral do Cón. João. Aqui confirmou o seu mote de vida: «A minha vocação é falar aos homens das coisas de Deus» (J. Aguiar).

O nosso último encontro, há oito dias, no hospital de Braga, constou de cochichos dos olhos – um olhar pascal, porque «ouvem-se melhor as palavras quando se veem nos olhos» (J. Aguiar).

Uns dias antes tinha confidenciado com lágrima de felicidade o encontro com o Seminário Maior Conciliar e de ter oferecido

o livro “Cochichos” a cada seminarista. A dedicatória sublinha: «A quantos, ao longo da minha vida, caridosamente suportaram as minhas fragilidades e ajudaram entusiasmos. Muito obrigado!»

O Cón. João disse-nos: «escrevo como respiro». Ele sentia-se um fazedor de vitrais.

Estimado Padre João: «até depois do depois!» (João Aguiar).

Muito obrigado, porque a Primavera se agradece a quem a traz.

Só por amor

Homilia proferida por Dom José Cordeiro, na Sé, na eucaristia de Ordenação de três diáconos, em 30 de abril.

1. Sou a porta das ovelhas e chamo cada uma delas pelo seu nome.

São Gregório Magno comentou o evangelho de hoje afirmando: «Eu sou o Bom Pastor; conheço as minhas ovelhas, isto é, amo-as, e elas conhecem-Me».

E Jesus não é só o pastor bom e belo, mas a porta das ovelhas, encontrando e amando cada uma pelo nome. Sim, Ele, o crucificado ressuscitado, o cordeiro pastor, é a única porta do instante para a eternidade.

Na nossa vida são muitas as pessoas que têm o lugar de “porta”. Os nossos pais foram a porta para a vida. Os Bispos, os Presbíteros, os Diáconos, os Catequistas, os professores, os formadores, os amigos, a família, são a porta para o encontro, para a espiritualidade, para a cultura, para a fraternidade universal. Igualmente os pobres, os doentes, os reclusos, os migrantes, os que sofrem, são porta para o mistério na proximidade concreta.

E, eu para quem sou porta? Sou porta para facilitar o chamado à alegria do Evangelho? Mantenho a porta aberta? Bato à porta dos outros?

Ser chamado pelo Amor e responder com o próprio Evangelho na vida é acatar o que São Bento escreveu na Regra: «Nada absolutamente antepõemham a Cristo, o qual todos juntos nos conduza à vida eterna».

Os bispos e os presbíteros, com os diáconos, que tomam Jesus como modelo sabem apascentar o rebanho. Aqueles ministros que não tomam Jesus como modelo não sabem apascentar o rebanho. De facto: «o ladrão não vem senão para roubar, matar e destruir. Eu vim para que as minhas ovelhas tenham a vida e a tenham em abundância» (Jo 10, 10).

Jesus Cristo é a porta e chama para a missão e o serviço. Por isso, o Papa Francisco recorda: «Todos os ministérios são expressão da única missão da Igreja e formas de serviço aos outros...

Na raiz do termo ministério, destaca-se a palavra ‘minus’ ou ‘menor’. Quem segue Jesus não tem medo de ser ‘inferior ou menor’ ao se colocar a serviço dos outros e, através deles, ao próprio Cristo. Assim, todo o batizado descobre que é chamado a “iluminar, abençoar, animar, aliviar, curar, libertar”».

2. Por amor

Hoje, num tempo tão adverso, o que é que leva um jovem a abraçar o ministério ordenado na Igreja?

Só por amor. É um ato de liberdade e de amor seguir atrás de Jesus Cristo e servir os irmãos e as irmãs sem fingimento, mas na autenticidade e na verdade.

Caríssimos jovens: Frei Pedro Rodrigues, OSB, Pedro Fraga e Tiago Nogueira, com alegria esperançosa irei efetivar o rito essencial da ordenação, isto é, a imposição das mãos em silêncio e a oração própria do ministério que ides acolher na fé da Igreja.

É um mistério tamanho, que pelo primor da poesia nos aproximamos: «Nunca conheci terreno mais fértil do que as mãos juntas, festa maior do que as mãos afastadas, prodígio maior do que as mãos impostas» (Daniel Faria).

Jesus Cristo é a beleza da nossa vida.

O salmo 22 que cantamos, consola-nos imensamente, porque o Senhor é meu pastor: nada me faltará: «ainda que tenha de andar por vales tenebrosos, não temerei nenhum mal, porque Vós estais comigo: o vosso cajado e o vosso báculo me encham de confiança».

3. Trocar o instante pelo eterno

O esperançoso hino da Liturgia das Horas, da autoria de Miguel Trigueiros (1918-1999): “Troquemos o instante pelo eterno / sigamos o caminho de Jesus / a primavera vem depois do inverno / a alegria virá depois da cruz” foi o mote para esta semana de oração pelas vocações.

No Arciprestado de Guimarães e Vizela estiveram nestes dias os formadores e alunos dos nossos Seminários juntamente com o departamento da pastoral vocacional. Aqui foi até testemunhado: «a vocação é um caminho de luta com Deus e não contra Deus».

A celebração da ordenação dos Diáconos, no 60.º dia mundial de oração pelas vocações, é uma feliz ocasião para redescobrir que «o chamamento do Senhor Jesus é graça, dom gratuito e, ao mesmo tempo, é compromisso de partir, sair para levar o Evangelho... corações ardentes e pés ao caminho» (Papa Francisco). Somos chamados e enviados. Sim, não há vocação sem missão.

O Senhor Jesus vos confirme na disponibilidade para servir com amor e encanto a Igreja. O amor tem a forma de uma cruz pascal. Onde há vocação, aí há amor e, onde há amor, aí habita Deus!

Atividades pastorais

abril/2023

Dom José Cordeiro

Nota: os textos que vão em itálico são transcrições do Facebook.

- 01 - *Acompanha a transmissão das procissões da Semana Santa de Braga, em direto na DMTV.*
- 02 - Presidiu à celebração de Domingo de Ramos: Bênção dos ramos na igreja de S. Paulo seguida de procissão para a Sé, onde concelebrou a Eucaristia.
- 03 - *A Cruz é a porta aberta da Páscoa. A porta recorda de imediato as palavras de Jesus: «Eu sou a porta, se alguém entrar por Mim, será salvo» (Jo 10,9).*
- 05 - Esteve na Casa Sacerdotal, juntamente com os Bispos Auxiliares, onde presidiu à celebração da Eucaristia e almoçou.
Participou no cortejo bíblico «Vós sereis o meu Povo». A Procissão da Senhora da “burrinha”, designada oficialmente como cortejo bíblico “Vós sereis o meu povo”, decorre esta noite. Fica a saber mais sobre esta celebração e acompanha a transmissão em direto nas nossas redes sociais a partir das 21h30.
- 06 - Presidiu na Sé à Missa Crismal e à Missa vespertina da Ceia o senhor
*Participou no Colégio D. Diogo de Sousa num almoço com os clérigos.
A Missa da Ceia do Senhor dá início ao Tríduo Pascal.*
- 07 - Presidiu na Sé à oração de Laudes e à celebração da Paixão do Senhor. À noite, à procissão do enterro do Senhor.
A Sexta-Feira Santa iniciou-se com o Ofício de Laudes e, durante a tarde, decorreu a Celebração da Morte do Senhor e a procissão Teofórica do Enterro, na Catedral.

- 08 - Presidiu na Sé, de manhã, à oração de Laudes. À noite presidiu, também na Sé, à Vigília Pascal.
Jesus Cristo é a nossa Páscoa e a nossa paz.
Aleluia! Alegria! Aleluia!
- 09 - Presidiu na Sé à Missa de Domingo de Páscoa.
- 14 - Apresentou na Capela de S. Geraldo, na Sé, o livro “Romper a solidão e memória cristã - Conversas com D. Erik Varden”, monge trapista e bispo de Trondheim (Noruega). A sessão acabou por ser também uma palestra em que o bispo de Trondheim, da Noruega; e monge trapista, fez uma profunda reflexão, em que sublinhou a importância do silêncio e da interioridade na vida cristã, mas também para a própria sociedade em geral
- 15 - Esteve em Lago na apresentação do projeto de construção de uma unidade de cuidados continuados integrados.
- 16 - Presidiu no Pavilhão Municipal de Barcelos à Missa de finalistas do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.
- 17 a 20 - Participou em Fátima numa assembleia plenária da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 21 - Participou em Braga no Dia Académico promovido pelo Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa, tendo presidido à celebração da Eucaristia.
Esteve presente no Santuário do Bom Jesus do Monte, numa reunião com o Secretário de Estado do Turismo, Nuno Fazenda.
- 23 - Esteve presente em Balasar, arceprelado de Vila do Conde e Póvoa de Varzim, na inauguração de diversos equipamentos paroquiais.
- 25 - Presidiu à celebração da Eucaristia em Balasar, na comemoração do aniversário da beatificação de Alexandrina Maria da Costa.

- 28 - Presidiu na Sé à Missa exequial pelo Cónego João Aguiar Campos.
- 30 - Presidiu na Sé à Missa de ordenação de três diáconos.

Dom Nuno Almeida

- 01 de abril . Visita Pastoral a Aborim, Aguiar, Quintiães, Cossourado e Panque: encontros com a catequese e Eucaristia de conclusão da visita pastoral em Aguiar e Aborim, todas do arciprestado de Barcelos.
- 02 . Concelebrou na Sé a Eucaristia de Domingo de Ramos.
Conclusão da visita pastoral a Panque, Cossourado e Quintiães.
- 03 . Participou num encontro da Comissão Episcopal Laicado e Família, por teleconferência.
- 04 . Encontro com o P. José Pedro, pároco de Prazins.
Reunião com a um grupo do Movimento dos Focolares.
- 05 . Encontro com o Pe. Luís Marinho, assistente nacional do CNE.
Eucaristia, almoço e convívio na Casa Sacerdotal.
- 06 . Concelebrou na Missa Crismal, seguida de almoço convívio com o Clero.
Concelebrou na Missa da Ceia do Senhor, na Sé de Braga.
Presidiu, em Guimarães, à Procissão das Endoenças.
- 07 . Orientou uma manhã de retiro para as Irmãs Hospitalteiras e Combonianas, na Casa de Saúde do Bom Jesus.
Participou na Celebração da Paixão do Senhor, na Catedral de Braga.
Presidiu à Procissão do Enterro do Senhor, em Vila Nova de Famalicão.
- 08 . Presidiu à Vigília Pascal na paróquia de Aguçadoura, arciprestado de Vila do Conde/Póvoa de Varzim.

- 09 . Presidiu às Eucaristias de Domingo de Páscoa na paróquia de Aguçadoura.
- 14 . Visitou na sua casa, em Joane, o Cón. Fernando Sousa e Silva.
- 17-20 . Participou, em Fátima, na Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 21 . Iniciou a visita pastoral a S. Martinho de Alvito. Encontrou-se com os jovens crismandos de Areias S. Vicente, Oliveira e Manhente.
- 22 . Encontro com crianças, adolescentes, pais e catequistas e Eucaristia em Alvito S. Martinho.
- 23 . Eucaristia de conclusão da visita pastoral a S. Martinho de Alvito.
Eucaristia de conclusão da visita pastoral a Oliveira, arceprelado de Barcelos.
- 25 . Participou, como membro da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios, no Encontro Nacional dos Diáconos Permanentes, em Fátima.
- 26 . Encontro com o Pe. José Luís Souto Coelho.
Visita pastoral a Areias S. Vicente.
- 27 . Visita pastoral a Manhente.
- 28 . Presidiu às Exéquias, em Borba da Montanha, Celorico de Basto, do Pe. João Bastos.
Visita pastoral a Manhente e Areias S. Vicente.
Concelebrou na Missa Exequial, na Sé de Braga, pelo Cónego João Aguiar Campos.
- 29 . Encontro com um casal para discernimento espiritual e pastoral.
Encontro de catequese em Oliveira (paróquias de Manhente, Areias S. Vicente e Oliveira).
- 30 . Conclusão da visita pastoral a Areias S. Vicente.
Conclusão da visita pastoral a Manhente.

Dom Delfim Gomes

- 02 de abril Celebrou em Calvos e em Cerzedo.
 Presidiu em Braga à Procissão dos Ramos.
- 03 – Deu várias audiências.
 Assistiu na Praça do Município, em Braga, à imposição das insígnias a elementos da Policia Municipal. Esteve no Centro Social Paroquial de Ronfe e na Casa da Apúlia.
- 04 – Participou na assinatura do contrato de empreitada do Santuário da Beata Alexandrina de Balasar
- 05 – Concelebrou na Casa Sacerdotal, onde almoçou.
- 06 – Presidiu em Braga à Braga à Procissão Ecce Homo.
- 07 – Presidiu em Guimarães à Procissão do enterro do Senhor e fez o sermão final.
- 08 – Concelebrou na Vigília Pascal, na Sé de Braga.
- 09 – Concelebrou na Missa de Domingo de Páscoa, na Sé de Braga.
- 13 – Teve uma reunião com Presidente da Câmara Municipal de Guimarães e um encontro com as Irmãs do Carmelo do Bom Jesus
- 14 – Teve uma reunião com o Pe. Cândido Sá, sobre a Escola Católica.
- 15 – Participou na apresentação do Projeto da Unidade de Cuidados Continuados a construi em Lago, arquiprestado de Amares.
- 16 – Presidiu em Serzedo, arquiprestado de Guimarães, à celebração da Eucaristia e Promessas de Escuteiros. De 17 a 20 participou em Fátima na assembleia plenária da Conferência Episcopal Portuguesa.
- 21 – Iniciou a Visita Pastoral a Durrães, arquiprestado de Barcelos: visita às realidades locais, instituições, escola, centro social, junta de freguesia. Presidiu à Celebração da Eucaristia com Unção dos doentes e a uma Assembleia Paroquial.

- 22 – Continuou a Visita Pastoral a Durrães: encontro com a catequese, pais e catequistas.
 Presidiu à Festa de Santa Senhorinha, em Cabeceiras de Basto.
- 23 – Iniciou a Visita Pastoral a Couto e prosseguiu visita a Durrães
- 24 – Presidiu em Carapeços, arceprelado de Barcelos, a uma ação de Formação sobre Pastoral Profética.
 2 – Deus várias audiências.
- 26 – Visita Pastoral: encontro com a Confraria de Nossa Senhora da Aparecida de Balugães e Padres da Zona.
 Visita Pastoral a Roriz.
 Participou num encontro com empresários sobre “A Economia de Francisco”
- 27 – Prosseguiu a Visita Pastoral a Balugães: Encontro com o Conselho Económico. Visita à Escola, Junta Freguesia, Centro Social. Presidiu à celebração da Eucaristia com União dos doentes.
 Presidiu a uma Assembleia Paroquial em Roriz.
- 28 – Continuou a Visita Pastoral a Roriz: Associação Desportiva, Escola, Junta de Freguesia, Centro Social.
 Presidiu a uma Assembleia Paroquial em Balugães.
- 29 – Encontro com a catequese de Roriz: pais, crianças e catequistas.
 Encontro com a catequese de Balugães e celebração de encerramento da Visita Pastoral.
- 30 – Celebração de encerramento da Visita pastoral a Roriz.
 Participação na ordenação de três diáconos, na Sé Catedral.

2. Serviços Centrais

Decretos de aprovação de estatutos

*Dom José Manuel Garcia Cordeiro promulgou
decretos que aprovam os estatutos de:*

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DA LAGE, sedeedo na paróquia de São Julião da Lage, Concelho de Vila Verde, Arciprestado de Vila Verde e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e uma páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 1389 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE JOANE, sedeedo na paróquia de Divino Salvador de Joane, Concelho de Vila Nova de Famalicão, Arciprestado de Vila Nova de Famalicão e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e quatro páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 1380 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

CENTRO PAROQUIAL DE BARCELINHOS, sedeadado na paróquia de Santo André de Barcelinhos, Concelho de Barcelos, Arciprestado de Barcelos e Arquidiocese de Braga.

Constam de trinta e nove Artigos, distribuídos por seis capítulos, exarados em vinte e quatro páginas (incluído o averbamento) autenticadas com o timbre da Cúria Arquiepiscopal de Braga.

Para memória se outorga o presente Decreto, que vai assinado pela autoridade canónica competente e autenticado com o selo branco da Arquidiocese.

O ato fica registado na Cúria Arquiepiscopal na Secção das Pessoas Jurídicas, Processo n.º 1381 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023

Provisões a corpos gerentes

Dom Manuel José Garcia Cordeiro assinou provisões que aprovam os corpos gerentes de:

REAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO, sita na Paróquia de Nossa Senhora da Lapa, Arcipres-

tado de Vila do Conde / Póvoa de Varzim, Concelho de Póvoa de Varzim e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Tiago André Pereira Gomes
Secretários: Ricardo Augusto Ferreira Pereira
Rui Miguel Vinha Moreira M. Castro

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente: João Manuel Neves Pereira
Secretário: António Manuel Marques Jorge
Tesoureiro: António Fernando da Silva Marafona
Vogais: Francisco António Ferreira Fortunato
António Jorge Ribeiro Maio
Lucas Silva Castanho
Carlos Filipe Marques Rajão
João Ferreira Fortunato
Manuel Agonia Santos Castro
Filipe Marques Rajão
José Marques Trocado
Manuel da Silva Gomes Viana
João Manuel dos Santos Silva
Américo Bonito dos Santos

CONSELHO FISCAL

Presidente: António Manuel dos Santos Moreira
Vogais: Rodrigo José Reina Pereira
Isidro Gomes Marafona

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Duarte Nuno Matos Rocha

Esta homologação é válida de 13 de abril de 2023 até 13 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 506 / 2023.

Os elementos com mais de dois mandatos consecutivos são provisionados excecionalmente tendo este de ser, impreterivelmente, o seu último mandato.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 13 de abril de 2023.

CONFRARIA DAS ALMAS, sita na Paróquia de Santa Marinha de Forjães, Arciprestado de Esposende, Concelho de Esposende e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: José Manuel Neiva da Cruz

Secretários: Carlos Oreste Neiva Pereira
Manuel Augusto Barreira Ribeiro

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente: Rui Miguel dos Santos Penteado

Secretário: José Maria Torres Gomes

Tesoureiro: Arlindo Pereira de Sousa Tomás

Vogais: Paulo Jorge da Silva Moura
Paulo Jorge Barros Lima

CONSELHO FISCAL

Presidente: José Albino Gonçalves de Sá

Vogais: Ernesto Sinaré da Costa
Vítor Manuel Couto Pereira da Silva

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

Pe José Manuel Ferreira Ledo

Esta homologação é válida de 14 de março de 2023 até 14 de março de 2026.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 872 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

CONFRARIA DE NOSSA SENHORA DO PORTO DE AVE, sita na Paróquia de São Miguel de Taíde, Arciprestado de Póvoa de Lanhoso, Concelho de Póvoa de Lanhoso e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: José Maria Vaz da Cunha
Secretários: João Carlos Peixoto de Barros
Daniel Ricardo de Matos Duarte

MESA ADMINISTRATIVA

Presidente: Francisco Manuel Vieira Soares
Secretário: José Nuno Teixeira Gomes
Tesoureiro: Francisco Manuel Moura da Costa
Vogais: Augusto Gonçalves Ferreira
Carlos Alberto Veloso Moreira
Artur Alfredo Antunes Carvalho
Juliana Rodrigues da Silva
Margarida Reis Soares
José António Martins Ramos
João Filipe Fernandes Abreu
Ângela Rodrigues Veloso

CONSELHO FISCAL

Presidente: Domingos Abel Cruz Sousa
Vogais: Domingos José Dinis Rodrigues e Sérgio Matias de Sousa Reis

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Augusto Freitas Baptista

Esta homologação é válida de 27 de abril de 2023 até 27 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão, registada sob o nº 1518 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 27 de abril de 2023.

CENTRO SOCIAL P.E DAVID DE OLIVEIRA MARTINS, sito na Paróquia de São Paio de Ruílle, Arciprestado de Braga, Concelho de Braga e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

| | |
|-------------------------|------------------------------------|
| Presidente: | Pe Manuel Joaquim Azevedo da Costa |
| Vice-Presidente: | Diác. Lino Gomes de Campos |
| 1.º Secretário: | Joaquim da Silva Machado |
| 2.º Secretário: | Inácio de Loiola Rodrigues Coroa |
| Tesoureiro: | Arlindo Figueiredo da Silva |

CONSELHO FISCAL

| | |
|--------------------|--------------------------------|
| Presidente: | Luís Mariano Martins de Castro |
| Secretário: | Joaquim Marinho Gomes Pereira |
| Vogal: | Domingos Armindo Neves Costa |

Esta homologação é válida de 17 de abril de 2023 a 31 de dezembro de 2023.

A Direção contará com a colaboração de Manuel António Martins Alves.

O cargo de Diretor Interno será ocupado pelo Ricardo José Pereira da Costa.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 1215 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 04 de abril de 2023.

FUNDAÇÃO CASA DO PAÇO, sito na Paróquia de São João Batista de Airão, Arciprestado de Guimarães e Vizela, Concelho de Guimarães e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

| | |
|--------------------|--|
| Presidente: | Maria Margarida Fernandes Oliveira Salgado |
| Secretário: | Pe Marc Rodrigues Monteiro |
| Tesoureiro: | José Adelino Azevedo de Matos |

CONSELHO FISCAL

Presidente: Alberto Monteiro Guedes
Secretária: Maria da Conceição Ribeiro Ramos Barbosa
Vogal: Florinda Manuela da Silva Ribeiro

ÓRGÃO DE VIGILÂNCIA:

P.e Constatino Matos de Sá

Esta homologação é válida de 20 de abril de 2023 a 20 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 1379 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

CENTRO SOCIAL DA PARÓQUIA DE CAVÊS, sito na Paróquia de São João Baptista de Cavês, Arciprestado de Cabeceiras de Basto, Concelho de Cabeceiras de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: Mons. José Augusto Gomes Ribeiro
Vice-Presidente: Tiago Emanuel de Oliveira Mucha
1.º Secretário: Jorge da Silva Martins
2.ª Secretária: Maria Cândida Andrade Sousa
Tesoureiro: Paulo Manuel Mendes Plácido

CONSELHO FISCAL

Presidente: César Silva Gonçalves
Secretária: Nívea Cristina Teixeira
Vogal: Anabela Maria Teixeira Martins

Esta homologação é válida de 20 de abril de 2023 a 20 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 1387 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

CENTRO SOCIAL E PAROQUIAL DE SANTO ANDRÉ DE RIODOURO, sito na Paróquia de Santo André de Riodouro, Arciprestado de Cabeceiras de Basto, Concelho de Cabeceiras de Basto e Arquidiocese de Braga, constituídos por:

DIREÇÃO

Presidente: Mons. José Augusto Gomes Ribeiro
Vice-Presidente: José Manuel Fernandes da Silva Fecheira
1.ª Secretária: Teresa Gonçalves Pires
2.ª Secretária: Carolina Martins Gonçalves Basto
Tesoureiro: Luís Filipe Pereira Dourado

CONSELHO FISCAL

Presidente: José Luís Barroso Leite
Secretário: Rosalina Maria Carvalho Pereira Bastos
Vogal: António Manuel Gonçalves Pereira Clara Pires

Esta homologação é válida de 20 de abril de 2023 a 20 de abril de 2027.

E, para constar, se outorga esta Provisão registada com o n.º 1388 / 2023.

Braga, Cúria Arquiepiscopal, 20 de abril de 2023.

3. Programa Pastoral

Informações diversas

Vigília de oração pelas vocações. O Departamento Arquidiocesano da Pastoral Vocacional promoveu em 28 de abril, na Igreja Paroquial de S. Jorge de Selho (Pevidém), no Arciprestado de Guimarães e Vizela, a realização de uma Vigília de Oração pelas Vocações.

Integrada no âmbito da 60.^a Semana de Oração pelas Vocações, foi presidida por Dom Nuno Almeida, contando também com a participação dos Seminários Arquidiocesanos.

Na homilia proferida, e partindo do Evangelho antes proclamado, que relata uma passagem decorrida na casa das irmãs de Lázaro, Marta e Maria, Dom Nuno Almeida começou por lembrar que “o ativismo de Marta, que muitas vezes identifica a Igreja do nosso tempo, é vazio e estéril”. Por isso, e como enfatizou, “inquietos e preocupados com muita coisa, temos os braços de Marta, mas faltam-nos os ouvidos de Maria”, o que pode justificar “tanto desencanto que define os nossos dias”.

Nesta sequência, sublinhou “a importância da escuta”, evocando que “felizes são os que escutam a Palavra de Deus e a põe em prática” e acrescentando que “o acolher precede sempre o escolher”. Por essa razão, “o caminho vocacional só ganha sentido quando iluminado pela escuta contemplativa da Palavra de Deus”.

Como referiu, “primeiro importa escutar, para depois se fazer”, pois só assim poderemos “trocar o supérfluo pelo necessário, o instante pelo eterno”, tornando-nos “pessoas à escuta da vida, capazes de acolher o silêncio diante do outro e capazes de acolher o dom do outro, deixando-se surpreender”.

Referindo-se à Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que tem como tema “Vocação: graça e missão”, Dom Nuno salientou ainda que a vocação emerge de uma “combinação entre a escolha divina e a realidade humana”, isto é, de um diálogo “entre Deus e o coração humano”, que “nos abre a Deus e aos outros para partilhar o tesouro encontrado”.

A propósito, lembrou que a nossa vocação “é o amor”, na certeza de que “Deus nos chama amando e nós somos convidados a responder amando”.

A caminho da JMJ’23, toda a celebração procurou interpelar cada um a cuidar a atitude da escuta da Palavra de Deus, e, em permanente espírito de oração, tomar a Cruz para, como Maria, “partir apressadamente” rumo à missão de servir e amar, experimentando e testemunhando junto de todos a alegria de Cristo Jesus Ressuscitado.

Iniciação cristã. Na Missa da Vigília Pascal, na Sé, Dom José Cordeiro administrou a nove jovens e adultos os sacramentos do Batismo e da Confirmação.

A II Assembleia Sinodal realiza-se em 16 de setembro, informou em 06 de abril Dom José Cordeiro.

Jornada Mundial da Juventude. A Arquidiocese de Braga recebe no final de junho 20.000 jovens de diversos países que vão participar em Lisboa na Jornada Mundial da Juventude.

Nesta Jornada, que se realiza de 01 a 06 de agosto na capital portuguesa, a Arquidiocese estará representada por pelo menos cinco mil jovens.

Um Momento de Oração pela Vida e Vocações decorreu em 20 de abril na Igreja de Senhora-a-Branca, em Braga.

Trata-se de um dos muitos encontros de oração mensais promovidos pelo Departamento Arquidiocesano para a Pastoral Vocacional em colaboração com a zona pastoral da Cidade e Este do Arciprestado de Braga que, ao longo de todo o ano pastoral, percorrem as paróquias envolvidas.

A Imagem da Senhora do Sameiro vai, durante o mês de maio, visitar algumas paróquias da Arquidiocese de Braga. Este ano a peregrinação acontece nas paróquias da zona pastoral do “Cávado”. Começa no dia 01 de maio, na Pousa, e termina no dia 31, em Semelhe. Além destas paróquias, a imagem da Virgem visitará as comunidades de Crespos, Santa Lucrécia, Navarra, Adaúfe, Dume, Padim da Graça, Mire de Tibães, Panoias, São Paio de Merelim, S. Pedro de Merelim, Frossos, Parada de Tibães, Gondizalves, Palmeira e Real.

No dia 02 de junho, pelas 21h30, decorre a Procissão de Velas que percorre a cidade de Braga, desde a Igreja de S. Vicente até à Catedral.

Infância Missionária. A Arquidiocese de Braga organizou em 25 de abril, no Centro Pastoral Arquidiocesano, um Encontro Interdiocesano da Infância e Adolescência Missionária (IAM). Teve como objetivo reunir crianças, adolescentes, animadores e famílias ligadas à IAM das várias dioceses em atividades pedagógicas, convívio e comunhão.

A Eucaristia foi presidida pelo Arcebispo Primaz, Dom José Cordeiro.

4. Clero e Seminários

Nomeação para Serviço Pastoral

Dom José Manuel Garcia Cordeiro, Arcebispo Metropolitano de Braga e Primaz das Espanhas, atendendo ao pedido da Santa Sé, autorizou o **Padre José Miguel Fraga Cardoso** a ingressar no Dicastério para a Cultura e Educação da Cúria Romana, por um período de cinco anos.

O Dicastério para a Cultura e a Educação, lê-se na *Praedicate Evangelium*, número 153, “trabalha para o desenvolvimento dos valores humanos dentro do horizonte da antropologia cristã, contribuindo para a plena realização do seguimento de Jesus Cristo”.

O Dicastério “é formado pela Seção para a Cultura, dedicada à promoção da cultura, à animação pastoral e à valorização do património cultural, e pela Seção para a Educação, que desenvolve os princípios fundamentais da educação com referência às escolas, institutos superiores de estudos, pesquisas de católicos e eclesíásticos e é competente para os apelos hierárquicos em tais matérias”.

Este Dicastério nasce da unificação da Congregação para a Educação Católica com o Pontifício Conselho para a Cultura.

*Braga e Cúria Arquiepiscopal, 4 de abril de 2023.
Cónego João Paulo Coelho Alves, Chanceler*

Cónego João Aguiar Campos

O cónego João Aguiar Campos faleceu em 27 de abril, aos 73 anos, no Hospital Central de Braga. A missa exequial foi celebrada na Sé, no dia 28. Presidiu D. José Cordeiro. Concelebraram Dom Nuno Almeida, Dom Delfim Gomes e Dom Américo Aguiar, além de numerosos sacerdotes.

Foi sepultado em S. João do Campo (Campo do Gerês).

Nascido a 23 de dezembro de 1949 em S. João do Campo, no arciprestado de Terras de Bouro, frequentou os Seminários da Arquidiocese e foi ordenado sacerdote a 25 de março de 1973 em Delães, Vila Nova de Famalicão.

Iniciou o ministério sacerdotal integrando a equipa formadora do Seminário de Santiago. Lecionou nos Seminários da Arquidiocese, no Instituto Superior de Teologia de Braga e, no ensino público, Educação Moral e Religiosa Católica.

Entre 1974 e 1976 frequentou o curso de Ciências da Informação na Universidade de Navarra, Espanha.

O grande campo da sua atividade foi o da Comunicação Social, onde trabalhou durante cerca de 40 anos nomeadamente como jornalista e diretor do Diário do Minho, Presidente do Conselho de Gerência do Grupo Renascença Multimédia e Diretor do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais da Igreja Católica. Anos de intensa atividade profissional, de entrega e dedicação aos Media de inspiração cristã, em Braga, no Porto e em Lisboa.

Em 1976 começou a trabalhar no jornal Diário do Minho, da Arquidiocese de Braga, onde foi diretor entre 1997 e 2005. Em 1981 iniciou funções na Rádio Renascença, tendo ocupado a presidência do Conselho de Gerência da emissora católica portuguesa entre 2005 e 2016.

Em 2011 foi nomeado diretor do Secretariado Nacional das Comunicações Sociais, cargo que ocupou até abril de 2016. A 05 de maio desse ano, o Secretariado Nacional das Comunicações Sociais entregou-lhe de forma honorífica o prémio de jornalismo D. Manuel Falcão, juntamente com o cónego António Rego.

Em 2019, no Dia do Concelho de Terras de Bouro, a 20 de outubro, o Município condecorou-o com a Medalha de Mérito Ouro, numa cerimónia de homenagem no Museu da Geira - Núcleo Museológico de Campo do Gerês com a presença de individualidades civis, militares e religiosas e amigos e familiares do homenageado.

Ao entregar a Medalha, o presidente da Câmara de Terras de Bouro, Manuel Tibo, referiu-se ao padre João Aguiar Campos como um dos «mais notáveis e ilustres de Terras de Bouro» e apontou a «vida e força» do sacerdote como uma «inspiração» para os ter-abourenses.

O cónego João Aguiar Campos, no discurso emocionado que proferiu, agradeceu o gesto e declarou que o concelho de Terras de Bouro não lhe devia nada e, por isso, nada tinha para lhe agradecer.

«Eu é que lhe devo tudo... Devo-lhe os caminhos onde corri descalço, a vida dos pardais, as águas puras, o chão dos currais. Devo-lhe a firmeza do carácter na força dos penedos. O amor alegre pelo trabalho, a capacidade de estar inteiro em cada circunstância. Devo-lhe a aldeia [S. João do Campo] que trago sempre dentro de mim!», declarou, então, o sacerdote.

Em 2020, em plena pandemia de covid-19, na XXIII Edição dos Galardões “A Nossa Terra”, João Aguiar Campos recebeu o “Galardão Carreira”, numa sessão no Altice Forum Braga.

Nesse mesmo ano e lugar foi distinguido com a Medalha Grau Ouro da Câmara Municipal de Braga.

Em 19 de janeiro de 2022 o Presidente da República condecorou o cónego João Aguiar Campos com o grau de Comendador da Ordem do Mérito, numa cerimónia restrita no Palácio de

Belém, a qual contou com a presença de D. Manuel Clemente, cardeal-patriarca de Lisboa, e de D. Américo Aguiar, bispo auxiliar de Lisboa e atual presidente do Conselho de Gerência do Grupo r/com, Renascença, Comunicação Multimédia.

Na ocasião, o antigo presidente da Rádio Renascença disse ter recebido a distinção com surpresa. «Senti-me confuso. Tanto que, um dia depois, devolvi a chamada para confirmar se não havia engano», escreveu o sacerdote na sua página pessoal.

Marcelo Rebelo de Sousa explicou a condecoração com o papel de João Aguiar Campos na Comunicação Social, como professor e como escritor.

Em 25 de março de 2023 João Aguiar Campos celebrou os 50 anos de ordenação sacerdotal na sua terra natal, S. João do Campo, numa eucaristia presidida pelo Arcebispo de Braga, D. José Cordeiro, e com a presença de familiares e amigos. Na ocasião, disse que gostaria de ser recordado como um homem que, nalgum momento, «alguma coisa de bem» fez para alguém.

O padre João, como gostava de ser tratado, além da boa disposição que irradiava era um otimista confesso e nunca se furtava a escutar e a dirigir palavras de ânimo, de confiança, de alegria onde estivesse. Nem que fosse através do humor ou de anedotas, de que era exímio contador.

Dizia que foi a ruralidade da sua terra, S. João do Campo, e concretamente a «dureza» da serra no Gerês que determinou a sua maneira de ser, a sua maneira de levar a vida e também o uso de metáforas nos seus textos.

João Aguiar Campos tinha uma veia poética peculiar e uma escrita simples e muito cristalina que desenvolveu do contacto com a natureza e da sua missão como sacerdote: «Um padre deve ser um poeta de alguma forma porque ele vai-se encontrar com o mais íntimo da palavra».

Considerava-se como artesãs da aldeia que de farrapos e fios velhos, nos seus teares, faziam mantas bonitas, com muita cor. Os seus pensamentos, dizia, eram «suficientemente abertos» e também «provocantes» de modo a interpelar, fazer refletir o leitor.

Dizia o cônego João Aguiar Campos que é no escuro que os nossos sentidos ficam despertos. Ouve-se melhor, procuramos mais a luz e «as luzes pequeninas acendidas no escuro têm uma força enorme».

E com o passar da idade «apuramos mais os sentidos, porque aprendemos o vagar, aprendemos a não ser colecionadores sôfregos, nem de pessoas, nem de situações, aprendemos como um jogador de futebol a não correr atrás de todas as bolas, porque aprendemos a saber onde a bola vai cair. A experiência, a idade dá-nos esta sabedoria, este conhecimento das coisas».

João Aguiar Campos viveu parte da sua vida em Lisboa, onde assumiu durante mais de dez anos a presidência do Conselho de Gerência da Rádio Renascença.

Em 2016, por razões de saúde, regressou a Braga e às suas raízes, passando a dedicar-se mais à escrita e fotografia, aquilo que mais gostava de fazer, numa linguagem bastante ligada à terra, metafórica e poética, com um objetivo claro: «A minha vocação é falar aos homens das coisas de Deus».

Apesar da doença oncológica que nos últimos anos ‘carregava’, nunca perdeu o sorriso nem a coragem e a esperança. «A doença é uma circunstância. É um momento e é realmente um espaço, também, da nossa humanidade e da nossa relação com Deus», disse numa entrevista a Flávia Barbosa, quando questionado sobre o momento difícil que atravessava.

Em 2017, pressentindo que tinha pouco tempo de vida terrena à sua frente, escreveu, no seu livro “Circunstâncias”: «Ando a viver os segundos como se fossem longos pedaços de tempo; tanto que às vezes me calo para os ouvir contados no salto dos ponteiros».

Mas a ideia de morte, embora presente no seu dia a dia, não o inquietava e era por si encarada como uma passagem.

«A morte treina-se, é um culminar da vida e ela não tem poder nenhum para além do seu poder sobre o tempo. Ela fecha o capítulo visível e temporal; a vida não acaba mas transforma-se e eu quero transmitir a ideia de vida. Hoje esta ideia faz parte felizmente da pastoral da saúde», declarou, à Agência Ecclesia, aquando da publicação do seu livro “Morri Ontem” que escreveu com o propósito de colocar em reflexão temas como a amizade e a morte acompanhada.

Comunicador nato, João Aguiar Campos partilhava com frequência as suas reflexões na rede social Facebook. Desses apontamentos divulgados on-line resultaram até dois livros: “Frangmentos” (reflexões soltas) e “InTemporal” (reflexões mais estruturadas).

E era através desta página on-line que se lhe conhecia também algum do seu humor, mesmo nesta última fase difícil da sua vida, em que numa das suas publicações escreveu: «O humor ajuda a descomplicar... Há dias disse a alguns sobrinhos: “se quereis estar comigo, aproveitai agora! No dia do funeral não vos dirijo palavra e, no sétimo dia, nem apareço!”»

Em Braga mantinha, de alguma forma, uma ligação à aldeia onde nasceu, cultivando uma horta que, além de preencher o seu gosto pela terra, funcionava para si como um ginásio, respondendo às necessidades de alívio físico e psicológico perante os efeitos secundários dos tratamentos.

O cônego João Aguiar Campos deixa um conjunto vasto de obras publicadas: “Intervalos”, “Encontros”, “Anseios”, “Transparências”, “Circunstâncias” (2016), “Rio abaixo” (2017), “Descalço também se caminha” (2019), “Morri ontem” (2019), “Fragmentos” (2019), “InTemporal” (2021), “Flores de Feno” (2021) e “Cochichos” (2023) É ainda co-autor de “Acordar com Deus” e “Media, redes e comunicação: futuros presentes”.

Numa das suas últimas declarações, precisamente no dia em que celebrou as Bodas de Ouro sacerdotais, disse que o melhor elogio que lhe podiam fazer era dizer que o padre João, sendo um padre secular, tornou-se num místico de cada dia.

«Eu nasci sacerdotalmente em São João do Campo, cresci em São João do Campo e mesmo quando não vivi em São João do Campo, São João do Campo viveu sempre comigo», disse.

A Assembleia Municipal de Braga aprovou em 28 de abril, por unanimidade, um voto de pesar pelo falecimento do Cónego João Aguiar Campos.

O mesmo fez a Câmara Municipal de Terras de Bouro, que decretou dois dias de luto municipal.

Condolências do Presidente da República

O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, emitiu, no dia 28, uma nota de pesar pela morte do Cónego João Aguiar Campos:

«Ao tomar conhecimento do falecimento prematuro do Cónego Aguiar Campos, apresento à Família, ao Conselho de Gerência e a todos os que trabalham na Rádio Renascença, e à Arquidiocese de Braga, as minhas mais sentidas condolências.

Durante 11 anos presidiu ao Conselho de Gerência da Rádio Renascença, tendo com o seu dinamismo e criatividade liderado todo o processo de mudança e modernização da Renascença, em especial nas áreas da inovação tecnológica e digital.

Homem de Fé, sempre atento ao próximo, desempenhou um papel preponderante na comunicação social em Portugal. Como jornalista, como escritor, como professor, como homem da comunicação social, foi pelos valores humanistas que sempre lutou. Em 2022 foi agraciado com o Grau de Comendador da Ordem do Mérito.

Recordo já com saudade um Bom Amigo, homenageando o Jornalista e o Homem da Igreja».

Notícias diversas

O Cónego Luís Miguel Figueiredo Rodrigues foi o orador convidado da paróquia de Vila Flor, na diocese de Bragança-Miranda, para falar no âmbito de uma ação anual de formação permanente.

Desenvolveu o tema «Sinodalidade, a Igreja a redescobrir-se» apontando como caminhos da sinodalidade a escuta, o discernimento, a discussão e a fraternidade.

O Cónego Joaquim Félix de Carvalho publicou um novo livro de poesia, «Verna».

Ordenação de diáconos. No dia 30 de abril, na Sé de Braga, Dom José Cordeiro presidiu à Missa de ordenação de três diáconos: dois da Arquidiocese e um da Ordem Beneditina.

Da Arquidiocese foram ordenados **Pedro Daniel Fraga Cunha**, de S. Tomé de Abação, Guimarães, e **Tiago José Faria Batista Nogueira**, de Cossourado, Barcelos.

Do Mosteiro de Singeverga, da Ordem Beneditina, foi ordenado **Pedro Ferreira de Almeida e Gonçalves Rodrigues**, natural de Santo Ildefonso, Porto.

Concelebraram Dom Delfim Gomes, Bispo Auxiliar de Braga, e Dom Bernardino Costa, Abade de Singeverga, além de outros sacerdotes.

O Pe. José de Sousa Marques faleceu em 04 de abril. A missa exequial foi celebrada no dia 05 em Vale (São Martinho), arcepresbiterado de Vila Nova de Famalicão.

Nascido a 14 de setembro de 1933 em Telhado, no arcepresbiterado de Vila Nova de Famalicão, frequentou os Seminários da Arquidiocese e foi ordenado sacerdote a 13 de julho de 1958, em Braga.

Após a ordenação, e até 1965, foi membro da Equipa Formadora no Seminário de Nossa Senhora da Conceição. Foi nomeado pároco de Vila Nova de Cerveira e de Lovelhe (Vila Nova de Cerveira) em julho de 1965, onde esteve até 1966, numa altura em que a atual Diocese de Viana do Castelo ainda não tinha sido criada. Entre outubro de 1966 e outubro de 1969, foi membro da Equipa Formadora no Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo. Foi ainda pároco, no arceprelado de Vila Nova de Famalicão, das paróquias de Cruz (São Tiago) entre 1990 e 1997, Louro (Santa Lucrécia) entre 1997 e 2006 e de Outiz (São Tiago) entre 2006 e 2007. A 14 de outubro de 2010 foi nomeado Capelão da Ordem de Santa Clara (Clarissas Adoradoras), no Mosteiro de S. Francisco de Assis.

Lecionou Educação Musical na Escola Preparatória André Soares de Braga, de 1971 a 1972 e de 1973 a 1995. Foi ainda professor contratado e destacado para a Universidade do Minho, em concurso público, para assistente pedagógico da Formação de Professores em Exercício (CIFOP), para a área de Educação Musical.

É autor de vários cânticos religiosos.

O Padre Alfredo Saleiro Cardoso faleceu em 25 de abril no Hospital Central de Braga. A Missa exequial foi celebrada no dia 27 em S. Bartolomeu do Mar, no arceprelado de Esposende.

Nascido a 14 de novembro de 1959 em S. Bartolomeu do Mar, foi ordenado sacerdote a 22 de julho de 1984, na Cripta do Santuário do Sameiro.

Em 1984 foi nomeado pároco de Antime (Santa Maria) e em 1985 de Armil (São Martinho). Foi ainda nomeado Administrador Paroquial de Silvares (São Clemente) em 1991. Serviu estas três paróquias do arceprelado de Fafe até aos dias de hoje.

Após a ordenação, e até 1991, foi Vigário Paroquial em Silvares (São Clemente).

Foi professor de Educação Moral Religiosa Católica.

O Pe. João Manuel Moreira Bastos faleceu em 26 de abril. A missa exequial foi celebrada no dia 28 em Borba da Montanha, arceprelado de Celorico de Basto.

Nascido a 29 de julho de 1927 em Borba da Montanha, foi ordenado sacerdote a 27 de setembro de 1953.

Foi pároco de Monte Redondo, Arcos de Valdevez (1954-1957) e de Regadas, Fafe (1958-1962). Lecionou Português e Filosofia no colégio D. Diogo de Sousa em Braga.

Entre 1964 e 1974 foi para Moçambique. Lecionou, Português, Psicologia e Filosofia, na Escola Industrial de Lourenço Marques. Neste período também prestou assistência religiosa no hospital Sanatório da Machava e na cadeia de presos políticos.

Em 1972 passou pelo colégio D. Dinis, em Lourenço Marques.

Em 1974 aceitou o convite para integrar o Ministério da Educação. Contudo recusou o cargo e decidiu abandonar Moçambique e regressar a Portugal.

De 1975 a 1997 lecionou no colégio de Santa Maria de Lamas, em de Santa Maria da Feira.

Entre 1982 e 1985 licenciou-se em literatura clássica na Universidade Católica de Braga.

Ao longo da sua atividade letiva lecionou Português, História, Matemática, Físico-Química, Literatura, Psicologia, Filosofia, Teologia, Latim e Grego.

Entre 1976 e 2017 colaborou com os Párocos de Argoncilhe, Santa Maria de Lamas e Mozelos, (Santa Maria da Feira) e de Grijó, Perosinho e Seixezelo, (V. N. de Gaia).

O Grupo de Teatro S. João Bosco apresentou em 24 de abril, no Auditório Pastoral das Taipas, a peça «A Escuta», numa iniciativa do Departamento de Pastoral para as Vocações da Arquidiocese de Braga.

O objetivo foi o de animar e tornar ainda mais rica a Semana de Oração pelas Vocações da Arquidiocese, que este ano

aconteceu no Arciprestado de Guimarães e Vizela e decorreu de 23 a 30 de abril.

O Grupo de Teatro S. João Bosco é constituído por seminaristas do Seminário Conciliar e do Seminário de Nossa Senhora da Conceição.

5. Património

Notícias diversas

A Paróquia de Balasar inaugurou em 23 de abril o novo Centro Pastoral Paroquial e o Velório S. José. Benzeu as instalações Dom José Cordeiro.

O programa começou com um porto de honra, seguindo-se uma sessão comemorativa.

Depois foi apresentado o projeto de requalificação do adro da igreja e uma exposição de pintura de Fernando Rosário.

“**Amor e Luz**” é o tema de uma exposição do artista Telmo Monteiro inaugurada em 01 de abril no Posto de Turismo do Sameiro. Pode ser visitada durante os meses de abril e de maio.

Com mais de três dezenas de peças de figurado de Barcelos representa o caminho de Jesus para Jerusalém, os suplícios que padeceu, a caminhada rumo ao Calvário, a crucifixão, a descida da cruz, a Ressurreição.

O cortejo bíblico «Vós sereis o meu Povo», tradicionalmente conhecido pelo nome de «Procissão da Burrinha», realizou-se noite de 05 de abril. A organização, como tem acontecido, esteve a cargo da Paróquia e da Junta de Freguesia de S. Vítor.

No atual formato, de caráter acentuadamente catequético, celebra este ano 25 nos. O Presidente da Junta de Freguesia de S. Vítor, Ricardo Silva, está empenhado em promover a construção de um monumento comemorativo.

Este ano teve, como principais novidades, a apresentação da Arca da Aliança, tendo em conta a forma como está descrita na Bíblia, e um novo porta-cartaz. Este tem por modelo um outro encontrado numa arrecadação da paróquia e agora restaurado.

Santuário eucarístico de Balasar. A construção da obra foi adjudicada em 04 de abril e o prazo de execução é de 450 dias.

Igrejas assaltadas. A Igreja de Riba de Ave foi assaltada durante a madrugada do dia 14 de abril. A porta lateral de entrada para o coro foi brutalmente rebentada permitindo o acesso ao interior do edifício.

Dias antes tinha sido assaltada a igreja de S. José, em Fafe.

Braga em festa foi o tema de uma exposição de 240 fotografias da autoria de Carlos Teixeira, inaugurada em 15 de abril na Torre Medieval do Museu Pio XII. Está patente até 11 de junho.

A paróquia de S. Pedro de Esmeriz, no arceprelado de Vila Nova de Famalicão, inaugurou em dia de Páscoa, 09 de abril, uma nova porta principal no salão paroquial. «Uma porta que acolhe e envia. Do Cristo crucificado ao Cristo ressuscitado». O puxador representa Cristo na cruz.

A capela de S. Brás, em Moimenta, arceprelado de Terras de Bouro, vai ser reabilitada e transformada em capela mortuária.

A igreja paroquial de S. Vicente, na cidade de Braga, devido a obras no seu interior, esteve encerrada ao culto entre 24 de abril e o fim do mês de junho.

Durante este período os atos de culto passaram a realizar-se: ao domingo, às 10h00, 12h00 e 19h00, na Igreja do Seminário, na Rua de Santa Margarida; de segunda-feira a sábado, às 18h00, na Igreja do Asilo de São José.

A Romaria de Nossa Senhora dos Remédios, do Arco de Baúlhe, em Cabeceiras de Basto, foi inscrita no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

O anúncio foi feito em 26 de abril pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC).

O X Festival Internacional de Órgão principiou na noite de 28 de abril, na Sé, e terminou em 14 de maio.

6. Educação da Fé

Humanizar a humanidade

Os alunos finalistas do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) foram em 16 de abril desafiados por Dom José Cordeiro a colocar “o saber” que adquiriram e as “competências” que conquistaram ao longo dos anos de formação superior “ao serviço da humanização da humanidade”.

“O maior desafio que a cultura de hoje enfrenta, que temos pela frente nestes tempos difíceis que vivemos, é mesmo o de humanizar a humanidade. Esse é também o desafio que os finalistas do IPCA devem assumir, para que possamos ser felizes e contribuir para que também os outros possam ser felizes”, disse D. José Cordeiro.

O Arcebispo Primaz falava na homilia da Missa da Bênção dos Finalistas, que decorreu no Pavilhão Municipal de Barcelos e marcou o arranque da Semana Académica – Queima do Galo 2023, promovida pela Associação Académica do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave.

Conforme destacou Dom José Cordeiro, “os anos de formação passados no IPCA, que devem ser determinantes para a construção de uma família [académica] cada vez maior, ganham verdadeiramente sentido se forem agora colocados ao serviço da construção de um mundo melhor”.

“Munidos dos saberes que as várias escolas do IPCA oferecem e que faz de cada um e de cada uma de vós uma pessoa mais competente e com mais saber, não podeis esquecer que a formação superior que vos foi ministrada também faz de cada finalista uma pessoa com mais responsabilidade no projeto de humanização da sociedade”, sublinhou.

Numa comunicação centrada no compromisso dos jovens com o mundo, Dom José Cordeiro venceu a ideia de que “uma conceção integral da educação entende que o conhecimento adquirido no âmbito de um curso superior é para ser colocado ao serviço da pessoa humana, da paz e da justiça”.

Notícias diversas

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz foram tema de meditação na Basílica dos Congregados em 02 de abril.

Via Sacra protagonizada por idosos. O Programa «Celorico a Mexer», da Câmara Municipal de Celorico de Basto, promoveu na igreja paroquial de Britelo uma Via-Sacra protagonizada por idosos.

Sagrada Comunhão aos doentes. A paróquia de Belinho, no arceprelado de Esposende, levou em 16 de abril, em procissão solene, a Sagrada Comunhão aos doentes. A procissão percorreu seis quilómetros por ruas atapetadas de flores naturais.

Festa da Misericórdia. A Comunidade Católica Shalom organizou um evento celebrativo para a Festa da Misericórdia, na Basílica dos Congregados, em 16 de abril.

Foi uma tarde marcada pela Misericórdia Divina, onde houve a recitação do Terço da Divina Misericórdia com meditações de Santa Faustina e uma Catequese sobre a Divina Misericórdia com D. Jorge Ortiga, Bispo Emérito de Braga. Seguiu-se um tempo de Adoração ao Santíssimo Sacramento e a celebração da Eucaristia.

Diversos sacerdotes estiveram disponíveis para o Sacramento da Reconciliação.

Festa de S. Gregório. A paróquia de S. Pedro de Maximinos, no arceprelado de Braga, celebrou em 15 e 16 de abril festividades em honra de S. Gregório Magno.

A capela dedicada a S. Gregório localiza-se num dos miradouros da cidade e remonta ao ano 1302, tendo sido mandada erguer por um devoto que foi beneficiado por uma graça extraordinária. Está aberta ao culto no domingo seguinte à Páscoa, data em que se realiza a Tradicional Romaria, e no dia de São Gregório Magno, dia 3 de setembro. Além de S. Gregório, a capela invoca também, nos seus altares, S. Vicente Ferrer e S. Maria da Vitória.

«**Deus na poesia portuguesa**» foi o tema de uma aula aberta de Carlos Poças Falcão no Auditório Prof. Isidro Alves, no Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa, em 17 de abril.

A obra coral-sinfónica chamada “Via Lucis”, Caminho da Luz, teve a sua estreia em 14 de abril na Igreja Paroquial de Ribeirão, arceprelado de Vila Nova de Famalicão.

Da autoria do compositor português Eugénio Amorim, foi interpretada pelo grupo de cantores e músicos chamados “Moços do Coro”, sediado no Porto.

Procissão de velas no Sameiro. Realiza-se nas noites de cada dia 12, de maio a outubro (exceto no mês de agosto), com início junto à estátua de João Paulo II e fim junto à cripta. Termina com uma reflexão final e a Bênção aos peregrinos.

Dia Académico da UCP. A Universidade Católica Portuguesa (UCP) – Centro Regional de Braga organizou em 21 de abril a 1.ª edição do Dia Académico da UCP – Campus de Braga.

O evento teve como propósito unir a Comunidade Académica num dia de celebração e ainda premiar os melhores alunos e homenagear os colaboradores aposentados daquela instituição de ensino.

Beata Alexandrina. O santuário de Balasar celebrou em 24 e 25 de abril o 19.º aniversário da beatificação de Alexandrina Maria da Costa com o tema “Como Alexandrina, viver e amar a Cruz de Jesus”.

No dia 24, dedicado aos jovens e à Jornada Mundial da Juventude, foi apresentado o monólogo “Sou Alexandrina”, às 21h30. No final os fiéis foram convidados a refletir sobre “faz sentido falar da santidade aos jovens?”. O dia terminou com a Adoração Eucarística.

No dia 25 teve lugar a meditação “Cruz, sinal do amor de Deus”, com início às 09h00. Às 10h30 Dom José Cordeiro presidiu à Missa e Bênção dos doentes.

De tarde houve nova adoração e meditação, desta vez subordinada ao tema “Cruz, sinal do cristão». O encerramento aconteceu às 17h00, com Missa e consagração a Nossa Senhora.

7. Apostolado dos Leigos

Notícias diversas

A Pastoral da Família do arceprelado de Vila Verde promoveu em 23 de abril, no salão paroquial de Vila Verde, um encontro para casais subordinado ao tema «Caminhada a Dois – um plano de mãos dadas com a vida».

Uma Bênção de grávidas e de noivos realizou-se em 30 de abril na paróquia de S. José de S. Lázaro, no arceprelado de Braga.

Um Kimball – Torneio de Técnica Escutista para Exploradores Moços principiou em 01 de abril no Campo Escutista da Penha, em Guimarães.

Participaram escuteiros do Algarve, Beja, Braga, Coimbra, Guarda, Lisboa, Madeira, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu, num total de 350 elementos acompanhados por 45 adultos de 26 agrupamentos.

Os festivais escutistas organizados pela Junta Regional de Braga realizaram-se em 22 de abril no Centro Pastoral da Vila das Taipas, com a participação de sete centenas de escuteiros.

Tiveram como finalidade promover os talentos de escuteiros de diferentes faixas etárias e incentivar à aprendizagem de uma atividade artística.

Dezenas de jovens escuteiros mostraram a sua arte e criatividade em concursos de música, fotografia, curtas-metragens e peças de fogo de conselho.

O Agrupamento de Escuteiros da paróquia de S. Vítor, no arciprestado de Braga, celebra este ano o centenário da sua fundação. Era constituído por um dirigente e cinco caminheiros. Hoje possui um efetivo de 111 escuteiros distribuídos por 38 lobitos, 39 exploradores, 14 pioneiros, 6 caminheiros, 12 dirigentes e 2 assistentes.

O Agrupamento de Escuteiros 1374, de Ribeirão, no arciprestado de Vila Nova de Famalicão, celebrou em 15 e 16 de abril o X aniversário. Foram dois dias repletos de atividades, em regime de acampamento.

Na Eucaristia fizeram a promessa cinco lobitos, 15 exploradores, nove caminheiros e uma dirigente.

Fundado em 14 de abril de 2013, é um dos maiores do país.

Acampamentos do centenário. No fim de semana de 29 e 30 de abril o núcleo Braga voltou a assinalar o centenário do Corpo Nacional de Escutas (CNE). Foram realizados sete acampamentos, sob o mesmo imaginário (o Centenário de CNE), em diferentes pontos do concelho de Braga (Sequeira, Lomar, Montariol, Pedralva, Fraião, Aveleda e Maximinos), em que juntaram 26 agrupamentos em pequenos grupos e reuniram cerca de 1100 escuteiros em campo.

A dinâmica visou celebrar toda esta longevidade do CNE numa proximidade com a comunidade que nos acolhe e promovendo a diversidade e a partilha de experiências, pois assim poderemos crescer e ajudar as nossas crianças e jovens a serem cada dia melhor, vivendo verdadeiramente o ideal escutista, informou um dos responsáveis.

O Instituto de Reabilitação e Integração Social (IRIS) encenou em 06 e abril, Quinta-Feira Santa, uma Via-Sacra no centro de Braga. O cortejo seguiu desde o Teatro Circo até à Arcada.

«**De que falamos quando falamos de leigos consagrados?**» foi o tema de uma mesa redonda realizada em 28 de abril no salão da comunidade cristã de Santo António (frades Capuchinhos), em Barcelos.

Uma formação sobre pastoral profética realizou-se em 24 de abril na Casa de Nazaré, em Carapeços. Inseriu-se no programa das visitas pastorais às paróquias da zona pastoral norte de Barcelos.

8. Pastoral Social

Subida de preços cria pobreza e fome

A Liga Operária Católica/Movimento dos Trabalhadores Cristãos (LOC/MTC) da Arquidiocese de Braga manifestou-se em 01 de abril, “muito preocupada” com o impacto da subida dos preços das casas e da alimentação nas famílias portuguesas, alertando que esta realidade está a criar mais pobreza e mais fome.

“O que está a acontecer é insuportável para os orçamentos das famílias. Quem tiver crédito à habitação para pagar, sobra muito pouco ou quase nada para os bens alimentares que também não param de subir e para outros custos fixos como a energia, o gás, as telecomunicações”, referiu Albano Cruz, num encontro de formação no Centro Pastoral e Cultural da Arquidiocese.

O coordenador diocesano da LOC/MTC alertou para a existência de famílias a passar por “necessidades muito graves». Grande parte dos casais novos, sem o apoio dos pais ou outros familiares, não arriscam a constituir família, receando pelo futuro.

«Esta crise está a afetar muito os jovens. Os salários não acompanham a inflação e a juventude está a deixar de poder fazer a sua vida, realizar os seus sonhos, ter trabalho digno, habitação, filhos, disse.

A preocupação é partilhada pelo assistente diocesano da LOC/MTC, José Maria Carneiro Costa, segundo o qual a subida generalizada dos preços dos produtos e bens está mesmo a privar pessoas de aceder a um direito vital, que é a alimentação.

Este encontro de formação inseriu-se no plano de ação da LOC/MTC aprovado na última Assembleia Diocesana, realizado em outubro de 2022, e que tem como lema “Dignificar o trabalho, cuidar da Casa Comum”.

Os grupos participantes procuraram aprofundar o tema com base na encíclica do Papa Francisco “Laudato Si”, publicada em maio de 2015, que trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas, bem como de questões mais amplas da relação entre Deus, os seres humanos e a Terra, e utilizando o método de revisão de vida da LOC/ /MTC – Ver, Julgar e Agir – para chegar aos vários ambientes sociais.

O encontro contou com o contributo de Fátima Almeida, membro da LOC/MTC de Braga, que fez uma reflexão a partir do trabalho de grupos sobre o que é a Casa Comum (encíclica Laudato Si).

A oradora referiu que a ecologia integral não se prende apenas a questão dos 3 R (Reduzir, Reutilizar e Reciclar), mas é também defender uma justa redistribuição da riqueza, por exemplo a riqueza do trabalho e dos bens naturais, numa Casa que “é de todos e para todos, sem excluir ninguém”.

Não tenhais medo!

Mensagem de Páscoa da LOC/MTC (Liga Operária Católica/Movimento de Trabalhadores Cristãos) da Arquidiocese de Braga.

*Não tenhais medo! Ide depressa anunciar Ele vai à nossa frente!
(Cf. Mt 28, 5-7)*

Como é bom termos alguém que vá à nossa frente a indicá-nos o caminho, pelo qual nós devemos seguir, rumo à Galileia das periferias, onde moram os pobres, os migrantes, os doentes, as diferentes etnias, que falam mais por gestos do que por palavras; ide também às empresas, aos sítios onde mora o trabalho, que ajuda a aperfeiçoar o universo, que faz coisas bonitas e belas que passam pela inteligência, pela visão e pelas mãos dos trabalhadores; ide depressa, mas não vos deixeis deslumbrar pelas vitrinas das coisas caras e sem sentido na vida; abri as portas das fábricas e entrai, está na hora de registar o ponto, está na hora de começar, de dizer bom dia e esquecer, por um instante, o amargo ali encontrado e saborear o mel da Ressurreição, naquele instante, viste, sentiste, era bom!

Entre o labor e a dor

Estávamos ali entre a multidão de trabalhadores e trabalhadoras, nos seus postos de trabalhos, partilhando realidades diferentes e comuns. De repente constatamos, que nos sentimos bem naquele calor humano de labor, mas logo a seguir sentimos a dor das tuas dívidas: o teu salário já não consegue suportar o custo do “pão de cada dia”, e a casa que te abriga, a ti e a tua família, está com a prestação bancária ou a renda em atraso. O teu salário já não chega para suportar os infortúnios da vida e a dignidade parece desaparecida. A pandemia e a guerra trouxeram a maldita inflação, acompanhada de pobreza, corrupção e frustração.

A Páscoa das nossas vidas

O maldito D de Diabo, traduzido na divisão, desgraça, devastação e destruição dos valores que suportam a “Terra da Fraternidade”. Sim naquele lindo lugar onde “os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, e a Boa-Nova é anunciada aos pobres. Bem-aventurados aqueles que não encontram em mim ocasião de escanda-lo” (Mt 11, 4-6). Aquele bonito lugar que fez da morte vida e da Quaresma a Páscoa das nossas vidas, da Cruz seca de madeira surgiram hastes floridas,

a fazer lembrar de que na Páscoa da nossa vida, as flores das lutas vencidas, dos doentes curados, da solidariedade assumida e da casa com comida, vale a pena a luta sair vencida, nesta Páscoa Florida.

Façamos grupos de novos e velhos, percorramos aldeias, vilas e cidades, entremos nas oficinas, escritórios e fábricas, gritemos: queremos salários, dignidade e “vida em abundância para todos” (Jo, 10, 10). Estamos com o Ressuscitado que nos pede, através dos seus anjos, para não termos medo, que Ele segue à nossa frente. Vem connosco – esperamos por ti!

*Equipa Diocesana da LOC/MTC de Braga
Abril de 2023*

Notícias diversas

A Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos iniciou em 03 de abril trabalhos para alteração e ampliação do Centro Social Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa, em Silveiros.

A intervenção vai permitir ampliar e melhorar as respostas sociais e o serviço prestado na zona sul do concelho de Barcelos, junto de pessoas idosas (mais 50 vagas em lar) e ao domicílio (mais 30 vagas) e também no apoio a crianças (mais 40 vagas em creche).

O Centro de Solidariedade de Braga/Projeto Homem organizou no Museu dos Biscainhos uma exposição alusiva aos 31 anos de trabalho no âmbito da prevenção, tratamento e reinserção de pessoas com comportamentos aditivos e dependências. Esteve patente até 16 de abril.

O Centro Social e Paroquial de Lago, no arceprelado de Amares, vai investir 5.5 milhões de euros na construção de uma Unidade de Cuidados Continuados Integrados, com cem camas, num terreno que foi doado pelo benemérito João Costa.

O projeto foi apresentado em 15 de abril numa sessão onde estiveram presentes o Arcebispo de Braga, Dom José Cordeiro, o presidente da Câmara de Amares, Manuel Moreira, e outras individualidades.

Segundo o presidente da direção do Centro Social e Paroquial de Lago, Padre Nuno Oliveira, a nova unidade, que terá Nossa Senhora das Dores como padroeira, tem dois grandes objetivos: «acompanhar os doentes e ajudar a morrer bem».

O projeto prevê uma Unidade de Longa Duração e Manutenção, com 20 camas; uma Unidade de Média Duração e Reabilitação, com 20 camas; uma Unidade de Cuidados Paliativos, com 20 camas; uma Unidade Convalescença, com 40 camas.

A Pastoral Universitária promoveu em 25 de abril uma caminhada solidária entre o Parque da Rodovia e a Cripta do Sameiro, em Braga.

Destinou-se a angariar fundos para ajudar a custear a inscrição de jovens universitários nacionais e estrangeiros que manifestam vontade de participar na Jornada Mundial da Juventude, de 01 a 06 de agosto, em Lisboa.

Apoio à Ucrânia. A Caritas Arquidiocesana, em colaboração com o Centro Social e Cultural Luso-Ucraniano, promoveu uma campanha de angariação de alimentos não perecíveis, bens de higiene e saúde, em benefício da população da Ucrânia.

O grupo de jovens «Mundo Novo», da Liga Eucarística da Lage, arceprelado de Vila Verde, promoveu em 25 de abril, no salão daquela paróquia, um concerto solidário com atuação da IurisTuna (Tuna de Direito da Universidade do Minho). Teve como

objetivo a angariação de fundos para a participação na Jornada Mundial da Juventude.

Fundado em 2018, aquele grupo é constituído atualmente por 26 elementos com idades entre os 13 e os 26 anos.

O Agrupamento de Escuteiros de Coucieiro, arciprestado de Vila Verde, promoveu em 23 de abril uma caminhada de cariz solidário.

Foram recolhidas rações para os animais a cargo da Associação de Defesa do Ambiente e Animais de Vila Verde e produtos de higiene pessoal e bens alimentares para as lojas sociais da Rede Social de Vila Verde.

9. Memória

Padre Joaquim dos Santos

13 de abril de 1936, passam hoje, precisamente, 87 anos do nascimento de Padre Joaquim dos Santos, um nome grande de Cabeceiras de Basto.

O Padre Joaquim Santos foi um compositor genial na criação e na composição musical e instrumental. A vasta obra que produziu teve grande projeção nacional e internacional, destacando-se a realização de inúmeros concertos na Igreja de [S.to](#) António dos Portugueses em Roma, Itália.

Joaquim dos Santos nasceu em Riodouro, há 87 anos, e faleceu em Moimenta-Cavez, a 24 de junho de 2008. Em 1999 foi agraciado com a medalha de ouro do Município de Cabeceiras de Basto.

A 4 de abril de 1996, no programa “Conversas ao Serão”, da autoria de António José Moura e Paulo Ramos, era emitida na Rádio Voz de Basto uma entrevista/conversa em que o Padre Joaquim dos Santos se dava a conhecer.

Já lá vão 27 anos desde que este programa foi emitido. Para assinalar esta data, o dia de hoje, 13 de abril, ficará marcado pelo concerto “Il grande Ignoto”, em português “O Grande Desconhecido”, que tem lugar esta noite, às 21h30, na igreja do Mosteiro de Refojos, em Cabeceiras de Basto. É promovido pela Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto, com a música do compositor interpretada pelo Oniros Ensemble.

Porque ninguém morre verdadeiramente, e a sua música e os seus seguidores são bem a prova disso, esteja onde estiver, Parabéns Padre Joaquim dos Santos.

Manuel Quinta

3.

Da Igreja em Portugal

Comunicado final da reunião da CEP

1. De 17 a 20 de abril de 2023, decorreu em Fátima a 206.^a Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa. Além dos membros da Conferência, estiveram presentes o Senhor Nuncio Apostólico, a Presidente e o Vice-Presidente da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e a Presidente da Conferência Nacional dos Institutos Seculares de Portugal (CNISP).

2. A Assembleia manifestou preocupações sociais quanto às graves dificuldades por que passam os cidadãos, famílias e instituições: as medidas adotadas para atenuar as carências de rendimentos das pessoas e famílias, que não são estruturantes, deveriam seguir o critério da proximidade para assegurar a justiça; o aumento das taxas de juro e o cumprimento das obrigações junto dos bancos fizeram aumentar o número de famílias em dificuldade; a perturbação social tem desestabilizado o normal funcionamento da vida das pessoas; é desejável que seja encontrada a solução para os problemas relativos à escola (professores), à saúde (médicos, enfermeiros e gestão dos hospitais) e aos transportes públicos, em prol do bem comum; os centros sociais paroquiais e instituições afins, em paralelo com as

famílias, não conseguem os recursos económicos necessários para assegurar os serviços que prestam à sociedade.

3. A Assembleia analisou e debateu o tema dos abusos de menores e adultos vulneráveis na Igreja Católica em Portugal. Depois da conclusão do estudo da Comissão Independente, entramos agora numa nova fase. Estamos empenhados em prosseguir um caminho de reparação e prevenção para que seja possível garantir o devido apoio às vítimas e implementar uma cultura de cuidado e proteção dos menores e adultos vulneráveis nos nossos ambientes, contribuindo para erradicar este drama da sociedade.

4. Nesse âmbito, a Assembleia contou com a presença da Dr.^a Rute Agulhas, psicóloga que até agora integrava a Comissão Diocesana de Lisboa e que coordenará o grupo específico de acompanhamento decidido na Assembleia Plenária extraordinária do passado dia 3 de março, acompanhada pelo Dr. José Souto de Moura, Presidente da Equipa de Coordenação Nacional das Comissões Diocesanas de Proteção de Menores e Adultos Vulneráveis.

5. A Dr.^a Rute Agulhas apresentou o projeto que será denominado “Grupo VITA – Grupo de Acompanhamento das situações de abuso sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal”, com a sua missão e ações, que deverá ter um horizonte temporal de três anos. Será constituído por uma equipa de profissionais tecnicamente competentes e terá a missão de acolher, escutar, acompanhar e prevenir as situações de abuso sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja em Portugal, dando atenção às vítimas e aos agressores.

6. O Grupo VITA, que fará a sua apresentação pública a 26 de abril em hora e local a determinar, terá a seguinte constituição:

– Coordenadora: Rute Agulhas (Psicóloga especialista em Psicologia Clínica e da Saúde com especialidades avançadas em Psicoterapia e Psicologia da Justiça).

– Grupo Executivo: Alexandra Anciães (Psicóloga, experiência de avaliação e intervenção com vítimas adultas); Joana Alexandre (Psicóloga, docente universitária e investigadora na área da prevenção primária dos abusos sexuais); Jorge Neo Costa (Assistente Social, intervenção com crianças e jovens em perigo); Márcia Mota (Psiquiatra, especialista em Sexologia Clínica e intervenção com vítimas e agressores sexuais); Ricardo Barroso (Psicólogo, docente universitário e especialista em intervenção com agressores sexuais).

– Grupo Consultivo: Padre João Vergamota (especialista em Direito Canónico); Helena Carvalho (docente universitária especialista em análise estatística); advogado/jurista especialista em crimes de natureza sexual (a definir).

7. O Grupo VITA terá a necessária autonomia para, em articulação com a Equipa de Coordenação Nacional, desenvolver uma ação que contribuirá para capacitar, ainda mais, o valioso trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pelas Comissões Diocesanas no acolhimento e acompanhamento das vítimas, bem como na formação preventiva dos agentes pastorais. Entre outras ações, está prevista a elaboração de um Manual de Prevenção que será comum a toda a Igreja em Portugal, quer nas Dioceses quer nos Institutos de Vida Consagrada.

8. Os Bispos deixam, nesta ocasião, uma palavra de grande proximidade a todos os fiéis leigos e consagrados, mas especialmente aos sacerdotes, reconhecendo o seu inestimável serviço às pessoas e comunidades. Caminhamos unidos na dor, mas também na esperança de que todos estes processos nos conduzam a uma Igreja purificada e renovada, fiel ao Evangelho do Senhor Jesus.

9. A Assembleia escolheu dois delegados e um substituto à XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos sobre a sinodalidade, que vai decorrer em Roma de 29 de setembro a 29 de outubro de 2023, cujos nomes serão divulgados após confirmação do Papa Francisco.

10. Foi aprovada a nova versão da *Ratio Nationalis Institutionis Sacerdotalis* “O Dom da Vocação Presbiteral”, que inclui um capítulo sobre “o seminário e a cultura de prevenção e vigilância no que respeita aos abusos”. O documento entrará em vigor após devido reconhecimento do Dicastério para o Clero.

11. A Assembleia aprovou a Nota Pastoral “100 anos a cumprir a Promessa” sobre o “Corpo Nacional de Escutas – Escutismo Católico Português” (CNE), que completa 100 anos de existência a 27 de maio de 2023. A Nota será proximamente divulgada.

12. A Assembleia foi informada sobre o andamento da preparação da JMJ Lisboa 2023 e decidiu dedicar as próximas Jornadas Pastorais do Episcopado (19-20 de junho de 2023) ao tema da Jornada Mundial da Juventude, particularmente aos desafios pastorais que se colocam após a sua realização.

13. A Assembleia procedeu às seguintes nomeações para o triénio 2023-2026: Padre Adélio da Cunha Fonte, Espiritano, como Assistente do Movimento Esperança e Vida (MEV); Padre Peter Damian Francis Stilwell, do Patriarcado de Lisboa, como Assistente Nacional da Vida Ascendente – Movimento Cristão de Reformados (VA-MCR); Frei José Filipe Rodrigues, Dominicano, como Assistente Nacional do Movimento Por um Lar Cristão (MLC).

14. A Assembleia aprovou o Calendário de Atividades da CEP para 2023-2024 e o Relatório de Contas do Secretariado Geral da CEP de 2022.

15. A Assembleia Plenária procedeu à eleição dos seus Órgãos para o triénio 2023-2026.

16. A Assembleia acolheu informações, comunicações e programações da Presidência, das Comissões Episcopais e dos Delegados da CEP, assim como de outros organismos eclesiais

Informações diversas

– D. António Moiteiro, Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e da Doutrina da Fé, deu algumas informações sobre várias atividades.

No âmbito da Catequese, e na sequência da aprovação do Itinerário de Iniciação à Vida Cristã das Crianças e dos Adolescentes com as Famílias, é urgente dotar a dinâmica catequética de novos recursos (“catecismos”), cujos trabalhos estão em fase de concretização num processo sinodal, particularmente com os Secretariados Diocesanos, ao longo de três ou quatro anos, e envolverão muitos recursos humanos e financeiros. O “Ser Catequista” é um válido instrumento formativo que está a ser levado à prática em quase todas as dioceses; até ao momento, o SNEC entregou gratuitamente cerca de 10.000 exemplares para potenciar e favorecer a formação dos catequistas.

No âmbito da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), prossegue a elaboração de recursos didáticos para esta disciplina em suporte físico e digital, de acordo com os procedimentos comuns às demais disciplinas escolares. Efetuou-se um protocolo de cooperação entre o SNEC e o grupo Porto Editora, com a finalidade de se disponibilizarem, nas plataformas desta editora, os manuais e os recursos digitais da disciplina, sendo os seus conteúdos da responsabilidade exclusiva da Igreja. Salienta-se ainda o verdadeiro espírito sinodal, concretizado no envolvimento de muitos professores das várias dioceses neste trabalho, bem como nos encontros nacionais de alunos e professores de EMRC.

No âmbito da Escola Católica, foi significativo o lançamento da obra “António de Sousa Franco e a liberdade de educação”, numa parceria SNEC/APEC, bem como a constituição do fundo “D. António Marcelino”, que apoia a formação de professores e/ou projetos de formação pós-graduada na antropologia cristã, na gestão escolar e na avaliação das aprendizagens. O SNEC está a

organizar um Questionário Estatístico das Escolas Católicas com o objetivo de conhecer melhor esta realidade educativa cristã.

A formação inicial e contínua, relevante instrumento para o anúncio do Evangelho, contribui para que os educadores cristãos (catequistas, docentes de EMRC, educadores das escolas católicas) sejam intérpretes fiéis das realidades e das pessoas que servem.

– D. José Traquina, Presidente da Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana, apresentou relatórios dos seus organismos e destacou: a atenção do Serviço de Pastoral a Pessoas com Deficiência no cuidado da participação dos jovens com necessidades especiais na JMJ Lisboa 2023; a ação da Pastoral do Turismo-Portugal na realização com êxito das V Jornadas da Pastoral do Turismo; o acompanhamento e animação do Apostolado do Mar nas paróquias marítimas do movimento Stella Maris; a Obra da Pastoral dos Ciganos na expectativa de nova direção e na dedicação e apoio que desenvolve; a atenção permanente da Comissão Nacional Justiça e Paz à realidade social, a sua intervenção nos meios de comunicação, as mensagens que publicou e a realização da Conferência anual com a temática “salários justos contra a pobreza”.

De salientar a Obra Católica Portuguesa das Migrações e os muitos desafios com o acolhimento, defesa e integração de pessoas estrangeiras em Portugal. Há organismos da Igreja a procurar corresponder às necessidades, mas sempre em cooperação com a organização do Estado na identificação, coordenação e orientação das pessoas migrantes estrangeiras que chegam a Portugal, sobretudo as que chegam fora do quadro legal das migrações. Por outro lado, há estrangeiros residentes em Portugal que entram em ansiedade e ilegalidade por os serviços não atualizarem a tempo o seu requerimento de “visto” de permanência. Outro aspeto preocupante é a falta de habitação que, nalgumas situações, volta a surgir a solução do “bairro de lata”. Em permanente correspondência com os responsáveis locais, a OCPM presta também atenção às comunidades dos portugueses emigrados no estrangeiro, colaborando na procura das soluções para as suas carências de apoio pastoral.

De salientar também o largo trabalho da rede Cáritas em Portugal e as informações da Cáritas Portuguesa. Pelo efeito da guerra, o apoio dado aos ucranianos com a coordenação da Cáritas Internacional foi de 54 milhões de euros. Deste montante, 400 mil foram disponibilizados pela Cáritas Portuguesa, graças aos donativos que recebeu. Em 2022, a rede Cáritas registou ainda o apoio a famílias pobres em Portugal, que superou os 850 mil euros (apoio em bens essenciais). Entre outros apoios, foram enviados para Moçambique (Cabo Delgado) 760 mil euros.

– D. Joaquim Mendes, Presidente da Comissão Episcopal do Laicado e Família (CELF), sublinhou o X Encontro Mundial das Famílias (Roma, 22–26 de junho de 2022) e a receção do documento “Itinerários Catecumenais para a Vida Matrimonial”, da Pastoral Familiar; as atividades do CPM; a Peregrinação Europeia de Jovens (agosto de 2022), o IV Encontro Nacional de Formação dos Agentes Pastorais (setembro de 2022) e os Conselhos Nacionais, pela Pastoral Juvenil; os Conselhos Nacionais e o Encontro Nacional de Docentes, Investigadores e Colaboradores do Ensino Superior (março de 2023), da Pastoral do Ensino Superior; as atividades do Corpo Nacional de Escutas; os Conselhos Nacionais, da Conferência Nacional do Apostolado dos Leigos; a Conferência Internacional “Pastores e fiéis leigos chamados a caminhar juntos” (fevereiro de 2023), promovida pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida; o encontro no âmbito da Família e Vida (em maio de 2022) e o Simpósio dos Jovens (outubro de 2022), a nível do CCEE; e o acompanhamento das atividades dos diversos organismos.

– A Assembleia acolheu outras informações: das restantes Comissões Episcopais (Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais; Vocações e Ministérios; Liturgia e Espiritualidade; Missão e Nova Evangelização); dos delegados da CEP no CCEE (Conselho das Conferências Episcopais da Europa), na COMECE (Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia) e na Comissão Bilateral da Concordata para o Desenvolvimento da Cooperação

quanto a Bens da Igreja; da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) e da Conferência Nacional dos Institutos Seculares de Portugal (CNISP); do Presidente do Grupo Renascença Multimédia.

– O Secretariado Geral da CEP, através da sua Assessoria de Comunicação, irá divulgando as várias iniciativas dos organismos da CEP.

Eleições

D. José Ornelas, bispo de Leiria-Fátima, foi reconduzido como presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para o triénio 2023/2026.

Os bispos reelegeram o vice-presidente e o secretário da CEP, respetivamente D. Virgílio Antunes, bispo de Coimbra, e o padre Manuel Barbosa.

Como vogais do Conselho Permanente foi escolhido um novo membro, D. António Moiteiro, bispo de Aveiro, mantendo-se em funções D. Manuel Linda, bispo do Porto; D. Francisco Senra Coelho, arcebispo de Évora; D. José Traquina, bispo de Santarém; e o cardeal D. Manuel Clemente, membro nato do Conselho Permanente na qualidade de patriarca de Lisboa.

As eleições escolheram ainda os presidentes das comissões episcopais e os delegados da Conferência Episcopal

– Comissão Episcopal da Educação Cristã e da Doutrina da Fé: D. António Augusto Azevedo, bispo de Vila Real.

– Comissão Episcopal da Pastoral Social e Mobilidade Humana: D. José Traquina, bispo de Santarém.

- Comissão Episcopal do Laicado e Família: D. Nuno Almeida, bispo auxiliar de Braga.
- Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios: D. Vitorino Soares, bispo auxiliar do Porto.
- Comissão Episcopal da Cultura, Bens Culturais e Comunicações Sociais: D. Nuno Brás, bispo do Funchal.
- Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade: D. José Cordeiro, arcebispo de Braga.
- Comissão Episcopal da Missão e Nova Evangelização: D. Armando Esteves Domingues, bispo de Angra.

– Delegado para as Relações Bispos/Vida Consagrada: D. Rui Valério, bispo das Forças Armadas e de Segurança.

– Delegado para a Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia (COMECE): D. Nuno Brás, bispo do Funchal.

Por inerência do cargo, são delegados da CEP nos seguintes organismos: D. Manuel Clemente, enquanto patriarca de Lisboa e magno chanceler da UCP, no Conselho Superior da Universidade Católica Portuguesa; D. José Ornelas, enquanto presidente da CEP, no Pontifício Colégio Português e no Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE).

Balanço de D. José Cordeiro

O Arcebispo Primaz, Dom José Cordeiro, reconduzido também como presidente da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade (foto), explicou um pouco mais sobre o encontro e fez um balanço da semana ao Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social. Transcrevemos do «Diário do Minho de 22 de abril:

Jornalista: Pode falar-nos um pouco de como é a Assembleia?

Dom José Cordeiro: A Assembleia Plenária sempre é órgão máximo da CEP e reúne-se duas vezes por ano. Temos a Assembleia da Primavera, a Assembleia do Outono e depois ainda o Retiro e as Jornadas Pastorais. São quatro grandes momentos de encontro dos bispos que servimos às várias dioceses em Portugal e aqueles que também já serviram antes de nós, porque participam os bispos eméritos.

Jornalista: E como correu a semana?

Dom José Cordeiro: É sempre uma experiência de comunhão, de fraternidade na procura dos caminhos comuns em Portugal e na Igreja no seu todo, que aqui peregrina, para sermos cada vez mais fiéis ao Evangelho e juntos encontrarmos as melhores soluções para os problemas, para as dificuldades e, sobretudo, os desafios. Para juntos também partilharmos as nossas tristezas, alegrias, esperanças, mas sobretudo naquilo que nos une no essencial, que é a missão do Evangelho.

Somos todos servidores do Evangelho da esperança, cada um na realidade, onde se encontra e sendo interpelados pela própria realidade à luz do Evangelho, encontrarmos os caminhos mais acertados no discernimento que nos é possível no encontro da oração. Porque as assembleias dos bispos acontecem sempre em ambiente de comunidade. Rezamos juntos, partilhamos a mesa, partilhamos aquilo que é o programa da própria Conferência Episcopal e com o seu ritmo próprio. E sentimo-nos encorajados para prosseguir o caminho. O facto de acontecer também no Santuário de Fátima, o Coração espiritual de Portugal, isso renova-nos, consola-nos, ao sentirmos a presença materna da Virgem Santa Maria.

Jornalista: Foi um encontro com momentos marcantes...

Dom José Cordeiro: Esta Assembleia foi muito especial, porque foi concluída com aquela celebração na Basílica da Santíssima Trindade. Foi um momento muito marcante este o Dia Nacional de Oração por todas as vítimas de todo o tipo de abusos e concentramo-nos na expressão do Papa Francisco - os abusos de poder, de consciência, sexual, por todas as pessoas que os acompanham, por todas as famílias - mas sobretudo, para que sintam esta presença próxima, esta proximidade concreta da Igreja que peregrina em Portugal, nesta fase de purificação, de reparação e ao mesmo tempo, de formação e de prevenção.

Jornalista: Com o Vita dá-se um passo mais concreto?

Dom José Cordeiro: É mais um passo para prosseguirmos este longo caminho. Mas é um passo muito importante. O próprio nome é também feliz porque trata-se de vida. Trata-se da dignidade da pessoa humana, acompanhar a todos e a cada um e, de um modo especial, os que mais sofrem e aqueles que foram traídos na sua confiança, nas pessoas e nos lugares que têm que ser seguros e que têm de ser a expressão concreta do Evangelho vivido.

Jornalista: Pode-se dizer que é um caminho que Braga já estava a fazer?

Dom José Cordeiro: Braga, está nesse caminho e cada vez mais consolidado. Esperamos ser esta presença concreta e viver esta proximidade à luz da parábola do Bom Samaritano, que é aquela que norteia o nosso plano pastoral, para que possamos, com a nossa própria vida, testemunhar que onde há amor, aí habita Deus.

Oração pelas vítimas de abusos

Realizou-se em 20 de abril, na Basílica da Santíssima Trindade, uma Eucaristia pelas vítimas de abusos sexuais, de poder e consciência na Igreja. Reuniu 32 bispos portugueses, contando ainda com representantes do clero e de institutos religiosos, além de algumas centenas de fiéis. Publicamos a introdução e a homilia, feitas por Dom José Ornelas, que presidiu à celebração.

Introdução

Hoje, aqui na Cova da Iria, em Fátima, na conclusão de uma Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa, reunimo-nos, os bispos e todos os cristãos que quiseram e puderam, para celebrar a Eucaristia, tendo especialmente presente as pessoas que foram vítimas de abusos sexuais, de poder e consciência na Igreja.

Fazemo-lo em sentido de penitência humilde, de solidariedade e proximidade cristã com aquelas e aqueles que sofreram e sofrem, vítimas de comportamentos completamente iníquos, cruéis e manipuladores, por vezes disfarçados de atenção, afeto e até de motivação religiosa.

Como Igreja que somos assumimos a dor, a perturbação e a revolta dessas pessoas, tanto das que tiveram a coragem dolorosa de reagir e denunciar, como daquelas que se calam, ainda na incapacidade de falar dessa realidade que lhes barrou o caminho de uma vida mais feliz. Assumimos que, em muitas ocasiões, não fomos capazes de tomar consciência e de velar como devíamos, para evitar estes abusos e para lidar com a gravidade das ofensas que foram feitas.

No início desta Eucaristia reconhecemos que estes comporta-

mentos são exatamente o inverso daquilo que somos e que celebramos. Por isso, imploramos o perdão de Deus que pediu aos seus discípulos que fossem misericordiosos e cuidadores, particularmente para com os mais pequenos e frágeis.

Reconhecemos e apresentamos, a cada um e a cada uma daqueles e daquelas que sofreram estes abusos em ambiente eclesial, um profundo, sincero e humilde pedido de perdão, em nome da Igreja na qual eles confiaram e onde sofreram tão injusta e perturbadora violência.

Pedimos perdão e pedimos igualmente a força, a coerência e a determinação de tudo fazer para que as pessoas que sofreram tão injustamente possam ter condições de superar os dramas que lhes foram infligidos, recuperar a estabilidade e a esperança na vida. Por isso, pedimos o perdão de Deus, suplicando igualmente o dom do Seu Espírito criador para que possamos construir e reconstruir, a nível pessoal e como Igreja, um caminho de verdadeira vida, segundo o Coração manso e humilde de Jesus, nosso Senhor e nosso Mestre.

Reconheçamos, pois, todas as nossas culpas e peçamos o perdão de Deus e o dom transformador do Seu Espírito.

Homilia

A Palavra de Deus que acabamos de escutar ajuda-nos a olhar para a vida e para as atitudes que marcam o nosso modo de estar no mundo com o olhar lúcido e misericordioso de Deus revelado em Jesus e, especialmente, para a dolorosa realidade que trazemos para a nossa celebração eucarística a partir daqueles que foram vítimas de abusos no seio da Igreja.

O Evangelho que proclamámos descreve-nos o olhar atento de Jesus que se dirige, antes de mais, aos “pequeninos” como expressão

do carinho de Deus para com eles: “Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos”. É prioritariamente a estes que se dirige o olhar atento e misericordioso de Jesus.

É essa forma atenta de olhar, para as crianças e para todos os que mais precisam de atenção, de carinho e de apoio que Ele quer ensinar, particularmente aos pais, à família próxima e à “família de Deus” que é a Igreja, de modo especial a quantos são chamados a continuar pela palavra, atitudes e gestos, a Sua presença libertadora e salvadora. Quem é pequeno precisa desse olhar atento, verdadeiro e carinhoso, como do pão para a boca, para crescer livre e feliz. Quem não sente esse olhar no círculo próximo das suas relações; quem sofre injustiça, fome, miséria, abuso; precisa especialmente desse amor reparador para sarar feridas, para redescobrir o sol da existência verdadeiramente humana e o rosto paterno/materno de Deus.

Este olhar, manifestado e ensinado por Jesus, como base do relacionamento autenticamente humano, faz entender a enormidade destruidora da violência e do abuso das crianças e dos mais débeis, exatamente nos lugares onde era suposto estar patente a atitude contrária que é fonte de vida, de liberdade e confiança.

Faz também entender a absoluta necessidade de se colocar, antes de mais e acima de tudo, ao lado de quem sofre esta devastadora realidade. Não se pode passar ao lado nem encobrir, por comodidade ou conivência. Não se pode pactuar com situações e atitudes que comprometam, deste modo, a vida de pessoas inocentes. A “tolerância zero”, de que fala o Papa Francisco, exprime esse compromisso fundamental para com a vida e a justiça, em favor dos que foram iniquamente delas privados.

É essa atitude que assume Jesus ao proclamar: “Vinde a mim, todos vós que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei”. Ele

coloca-se ao lado dos que sofrem, escolhe o campo dos oprimidos e abusados, ajuda a carregar a sua dor, desorientação e revolta. A nós, Igreja, ensina que não há piedade sem esse olhar fundamental de justiça, de verdade e de misericórdia. Isso significa acolher, acompanhar, sarar feridas, criar futuro na verdadeira liberdade e na esperança. Esses são os sinais que fazem descobrir o rosto de Deus e o caminho de ressurreição e de vida que Ele nos propõe.

O que Jesus testemunha e ensina acerca do Pai e da Sua própria missão é mais básico e radical do que qualquer interesse dito estratégico, corporativo, estatal, espiritual ou religioso; é algo que está na raiz de tudo isso que é o dom da vida e da dignidade de cada ser humano. Foi para essas pessoas (todos nós) que Ele veio, que deu a vida, que abriu caminho, mesmo no sofrimento e na morte, para revelar e tornar próxima a plenitude da vida de Deus.

Esta atitude não é dirigida contra ninguém. Também aqueles que causaram estes males precisam de ser libertados dessas atitudes que os despersonalizam. Por isso, a busca de clareza e de justiça deve incluir os que praticam o mal, pois a misericórdia de Deus é para todos.

É também muito importante o estilo de fazer tudo isto: Jesus não veio como grande senhor, ao modo dos grandes desta terra. Ele convida-nos a segui-Lo no caminho discreto e de serviço com que o bem tem de ser feito: “Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”. É deste modo que Ele mostra o coração materno/paterno de Deus, o coração que propõe como atitude a imitar por aqueles/as que o seguem. Aprenderemos tudo isto se não agirmos como se estivéssemos a erigir um monumento à nossa grandeza ou para fazer boa figura. É essa atitude de humildade (que significa a verdade) que permite colocar os que sofrem como prioridade do nosso agir e não a nós próprios, do nosso grupo ou mesmo do bom-nome da Igreja. Esta é a atitude que nos move.

Hoje, como bispos da Igreja em Portugal, queremos dizer àquelas e aqueles que sofreram estes abusos, antes de mais, uma palavra de reiterado pedido de perdão, com que começámos esta liturgia. Isso significa identificação e reconhecimento do mal que vos foi imposto, de forma injusta e abusiva e no ambiente onde menos deveria ter acontecido. Essa dor é também a nossa e continuará a doer enquanto a vossa não for curada.

Mas é uma dor que nos acorda, nos motiva e nos abre humildemente a ir ao vosso encontro, a escutar o que é incómodo, a reconhecer a dor e a procurar partilhá-la e, na medida do possível, aliviá-la e colaborar, por todos os meios, na libertação daqueles que foram tão dramaticamente afetados.

Gostaríamos que, assim como experimentastes essas injustiças no seio da Igreja, possais fazer a experiência de irmãos e irmãs que querem ajudar a sarar feridas e a abrir caminhos de futuro. Foi com esse intento que empreendemos este caminho que entra agora numa nova fase. Estamos a criar condições para que esse encontro seguro e transformador seja possível. É convosco, e na medida do vosso desejo, que queremos empreender um caminho de reparação e de superação das dificuldades.

Realizamos esta celebração em Fátima, onde Maria, Mãe de Jesus e Mãe e modelo da Igreja veio revelar-se a três crianças, vítimas da pobreza, da falta de escola e de múltiplas privações. O olhar carinhoso da “Senhora vestida de luz” deu força e coragem a estas crianças e forjou nelas um coração firme e decidido para enfrentar as dificuldades, de resistir ao medo da guerra e de uma horrível pandemia que vitimou duas delas, de afirmar a sua experiência perante os que duvidavam da sua autenticidade, de passar através do sofrimento e até da morte. Maria, enviada de Deus a três crianças, mostra um caminho para a Igreja, para nós todos: A nossa Igreja não pode voltar atrás neste caminho; é mesmo preciso estar ao lado dos mais pequenos, dos mais esquecidos, em hospital de campanha, como fala o Papa Francisco.

Há caminho para além da dor, da justa revolta e da injustiça. Convosco, com o vosso testemunho, com a vossa inconformidade e tenacidade de vida, esperamos também ser Igreja renovada e inconformada com qualquer tipo de mal. Que Maria, Mãe de Jesus e da Igreja, nos ensine a arte materna do bem cuidar, compreender, consolar e amparar; a arte e a vontade de construir um mundo mais justo, sempre renovado pelo Espírito de Deus.

A mãe é mãe!

Mensagem da Comissão Episcopal do Laicado e Família para o Dia da Mãe, que se celebra em 07 de maio de 2023.

Em Portugal o «Dia da Mãe» ocorre no 1.º Domingo do mês de maio, este ano é o dia 7 e, na Liturgia, é o quinto Domingo do tempo Pascal.

Acontecendo o «Dia da Mãe» no mês de maio, mês de Maria, a primeira dimensão da mensagem para este dia vem do Evangelho e da experiência de fé dos cristãos católicos que assumem por Mãe espiritual aquela que Jesus lhes consagrou na cruz, quando indicou a sua própria Mãe ao seu discípulo João, dizendo-lhe: «Eis a tua Mãe» (Jo 19,27).

A Mãe afetuosa, humilde, confiante e corajosa

A oração de saudação e súplica de intercessão dirigida a Maria, seja por crianças pequenas ou pessoas adultas mais idosas, tem uma dimensão afetuosa da fé.

Em cada dezena do Rosário, na companhia de Maria, contemplamos a beleza e o mistério da vida de Jesus, da Virgem Mãe e

ainda o dom do Espírito Santo na Igreja nascente, onde a Virgem Mãe também se encontrava.

Com a Mãe-Maria, Deus tornou-se próximo de nós! E nós tornamo-nos próximos de Deus.

Com humildade, a Virgem Mãe aceitou com Fé a sua vocação, exultou de alegria e avançou com coragem para assumir uma aventura que envolve a vida por inteiro. Porém, não poderia imaginar que o seu Filho iria nascer num estábulo de animais e, ainda menos, que viria a ser condenado a morrer na cruz. Nenhuma mãe imagina essa situação.

A Mãe aliada de todas as mães

A Virgem Maria, acolhe todos os dias as preocupações das mães que sofrem por causa dos seus filhos. Por causa do seu infortúnio, da falta de saúde, dos afastamentos, dos filhos dependentes de redes ou vícios arruinadores, dos filhos acidentados e dos filhos que morreram.

As mães que, em oração, partilham com a Virgem Mãe os seus problemas familiares, sabem que a têm como aliada e intercessora. Na verdade, Nossa Senhora é para muitos cristãos a confidente sempre disponível para escutar os nossos desabafos, sofrimentos e preocupações.

Ser mãe: vocação, valor e missão

Ser mãe é uma vocação e missão natural que Deus consagrou e que importa sublinhar como um dom e capacidade de amor ao serviço da vida e da sua realização.

Todas as mães merecem ser apoiadas pela coragem e confiança que demonstram e por assumirem a sua responsabilidade.

Ser mãe com amor e responsabilidade, mesmo pobre, é um bem enorme em alegria e em esperança que se alarga à família e à comunidade.

Neste sentido, sugerimos e pedimos aos jovens casais que cuidem da fidelidade do seu relacionamento, como um dom para sua felicidade e de seus filhos.

Àqueles casais que, tendo gerado filhos, se separaram, não desistam de se assumirem como dom de Deus para a educação e felicidade dos vossos filhos.

Em qualquer circunstância, a uma criança nunca se deve dizer mal da mãe. A mãe é mãe! Às mães que ficaram sós com filhos a crescer e a educar, que trabalham e assumem a missão de mãe como a causa das suas vidas, saudamo-las e agradecemos-lhes pela dedicação.

Confiar e escutar a mãe

No Dia da Mãe muitos filhos têm o cuidado de dirigir uma palavra ou uma atenção especial à sua mãe. É bom que assim aconteça; um simples gesto de delicadeza para com a mãe, é gerador de felicidade. Honrar pai e mãe, escutá-los e prestar-lhes atenção tem uma dimensão sagrada (4.º mandamento da Lei de Deus), humaniza-nos, fazemos os outros felizes e agradamos a Deus.

Em sentido diverso, existem adolescentes e jovens que, por influência e sugestões que circulam nas redes sociais, decidem uma nova orientação para as suas vidas sem dialogar e confiar nos pais.

É compreensível que os adolescentes e jovens tenham opções diferente dos pais, mas não é aceitável considerarem que alguém neste mundo os ame e lhes queira maior bem do que a sua própria mãe.

Confiemos à intercessão de Santa Maria, Rainha da Paz, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, todas as mães que vivem com especiais preocupações com os seus filhos e sua família, não esquecendo as situações de grande sofrimento familiar nos países envolvidos em guerra.

Acompanhamento às vítimas de abusos

Nota do Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) divulgada em 13 de abril.

A Conferência Episcopal Portuguesa informa que, dando seguimento às decisões tomadas na Assembleia Plenária extraordinária do passado dia 3 de março, o nome da psicóloga Rute Agulhas foi apontado, pelo Conselho Permanente da CEP e após consulta aos Bispos diocesanos e auxiliares, para coordenar o grupo operativo que será responsável pelo acolhimento e acompanhamento das vítimas de abusos no seio da Igreja Católica em Portugal, em articulação com a Equipa de Coordenação Nacional das Comissões Diocesanas.

A constituição do grupo e o projeto serão analisados na Assembleia Plenária que se realiza na próxima semana, de 17 a 20 de abril.

*Lisboa, 13 de abril de 2013
Secretariado Geral da CEP*

Grupo Vita

O ‘Grupo Vita’, novo organismo para o acompanhamento de casos de abusos sexuais na Igreja Católica, presidido pela psicóloga Rute Agulhas, assumiu em 26 de abril, a aposta na prevenção primária e no apoio às vítimas.

“Pretende-se agora criar respostas especialmente pensadas para as vítimas, mas também para os agressores, focado na intervenção terapêutica e ainda na prevenção”, disse a coordenadora, na conferência de imprensa de apresentação, que decorreu em Lisboa

O grupo de acompanhamento das vítimas de abuso sexual, no contexto da Igreja Católica em Portugal, é constituído por especialistas em diversas áreas e vai funcionar de forma autónoma, em articulação com a Equipa de Coordenação Nacional das Comissões Diocesanas para a Proteção de Menores.

Entre outras ações, está prevista a elaboração de um “Manual de Prevenção” para a Igreja Católica em Portugal.

Rute Agulhas, que integrava até agora a Comissão Diocesana de Lisboa, falou da violência sexual como “um problema de saúde pública, pela sua elevada prevalência e também pelo seu impacto negativo”.

A especialista destacou que este é um “fenómeno transversal” a diversos contextos, entre eles o da Igreja Católica, com especial prevalência “no contexto intrafamiliar”.

“Ao apostar na criação de respostas específicas para vítimas e agressores, e ainda em programas e estratégias de prevenção primária, pensamos que a Igreja assume um papel pioneiro, em Portugal, de relevo e de elevada responsabilidade social”, sustentou a coordenadora.

O novo grupo assumiu-se como “temporário”, com um horizonte de pelo menos três anos, e apresentou-se como organismo “isento e autónomo”.

Rute Agulhas assumiu como “grandes objetivos” “proteger” as vítimas e “prevenir” recidivas ou situações abusivas, através de quatro áreas centrais de atuação: “acolhimento, acompanhamento, formação e investigação”.

A partir de 22 de maio passa a estar disponível uma linha telefónica, exclusiva para denúncias de abuso na Igreja, “atuais ou antigas”, através do número 915 090 000, bem como um endereço eletrónico – geral@grupovita.pt.

As denúncias serão encaminhadas para as “autoridades de investigação competentes”, civis, penais e canônicas.

O grupo vai criar uma “bolsa de profissionais especializados”, para intervenção junto das vítimas de abusos, assegurando ainda “encaminhamento” para uma rede de profissionais que oferece apoio psicológico, psiquiátrico, social ou jurídico, além de apoio espiritual.

Constituição do grupo

O Grupo VITA – Grupo de Acompanhamento das situações de abuso sexual de crianças e adultos vulneráveis no contexto da Igreja Católica em Portugal é constituído por:

– Coordenadora: Rute Agulhas (psicóloga especialista em Psicologia Clínica e da Saúde com especialidades avançadas em Psicoterapia e Psicologia da Justiça).

– Grupo Executivo: Alexandra Anciães (psicóloga, experiência de avaliação e intervenção com vítimas adultas); Joana Alexandre (psicóloga, docente universitária e investigadora na área da prevenção primária dos abusos sexuais); Jorge Neo Costa (assistente social, com experiência na intervenção junto crianças e jovens em perigo); Márcia Mota (psiquiatra, especialista em Sexologia Clínica e intervenção com vítimas e agressores sexuais); Ricardo Barroso (psicólogo, docente universitário e especialista em intervenção com agressores sexuais).

– Grupo Consultivo: padre João Vergamota (especialista em Direito Canónico); Helena Carvalho (docente universitária, especialista em análise estatística); Silva Ramalho (advogado, especialista em Direito Penal).

Determinação e tolerância zero

A apresentação do novo grupo contou com a presença do presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), Dom José Ornelas, que destacou a escolha de pessoas com “competências suficientes e necessárias” para enfrentar as questões ligadas aos abusos sexuais.

O bispo de Leiria-Fátima evocou a Comissão Independente (CI) para o Estudo dos Abusos Sexuais de Crianças na Igreja Católica em Portugal, designada pela CEP, que apresentou a 13 de fevereiro um relatório, no qual validou 512 testemunhos, apontando a um número de 4815 vítimas, entre 1950 e 2022, e entregou aos responsáveis católicos de Portugal uma lista com nomes de alegados abusadores, no dia 3 de março.

“As conclusões a que chegou causaram muito impacto, a começar por nós”, assumiu o presidente da CEP, falando numa “realidade dramática” que a Igreja Católica quer enfrentar com “determinação” e “tolerância zero”.

Dom José Ornelas reforçou a ideia que tinha deixado a 20 de abril, no final da Assembleia Plenária da CEP, apontando a uma “nova fase”, após o estudo da CI, com um novo grupo que visa assegurar “competência e capacidade operacional”.

“Este grupo tem todo o apoio (...) da Igreja em Portugal, no seu conjunto, que quer fazer um caminho”, concluiu.

4.

Da Santa Sé

Jesus abandonado

Homilia do Papa Francisco na celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, na Praça de S. Pedro, em 02 de abril.

«Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?» (Mt 27, 46): é a invocação que a Liturgia nos fez repetir hoje no Salmo Responsorial (cf. Sal 22/21, 2), sendo também – no Evangelho que ouvimos – a única pronunciada na cruz por Jesus. Representam, pois, as palavras que nos conduzem ao coração da paixão de Cristo, ao ponto culminante dos sofrimentos que padeceu para nos salvar. «Porque Me abandonaste?».

Muitos foram os sofrimentos de Jesus e, sempre que ouvimos a narração da paixão, penetram-nos na alma. Foram sofrimentos do corpo: pensemos nas bofetadas, nas pancadas, na flagelação, na coroa de espinhos, na tortura da cruz. Foram sofrimentos da alma: a traição de Judas, as negações de Pedro, as condenações religiosa e civil, a zombaria dos guardas, os insultos ao pé da cruz, a rejeição de tantos, a fâlecia de tudo, o abandono dos discípulos. E contudo, no meio de todo este sofrimento, restava a Jesus uma certeza: a proximidade do Pai. Mas agora acontece o impensável; antes de

morrer, clama: «Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?»
O abandono de Jesus.

Estamos perante o sofrimento mais dilacerante, que é o sofrimento do espírito: na hora mais trágica, Jesus experimenta o abandono por parte de Deus. Antes disto, nunca chamara o Pai pelo nome genérico de Deus. Para nos fazer sentir a intensidade daquele momento, o Evangelho apresenta a frase também em aramaico; dentre as palavras pronunciadas por Jesus na cruz, esta é a única que nos chega na língua original. O acontecimento real é o abaixamento extremo, ou seja, o abandono de seu Pai, o abandono de Deus. Aquilo que o Senhor chega a sofrer por nosso amor, até temos dificuldade de o entender. Vê o céu fechado, experimenta o viver no seu amargo limite, o naufrágio da existência, o colapso de toda a certeza: grita «o porquê dos porquês». «Tu, ó Deus, porquê?»

«Meu Deus, meu Deus, porque Me abandonaste?»

Na Bíblia, o verbo «abandonar» é forte; aparece em momentos de dor extrema: em amores fracassados, rejeitados e traídos; em filhos enjeitados e abortados; em situações de repúdio, viuvez e orfandade; em casamentos gorados, em exclusões que privam dos laços sociais, na opressão da injustiça e na solidão da doença. Em suma, nas mais drásticas dilacerações dos vínculos, aplica-se esta palavra: «abandono».

Cristo levou tudo isto para a cruz, ao carregar sobre Si o pecado do mundo. E, no auge, Ele – Filho unigénito e predileto – experimentou a situação mais estranha no seu caso: o abandono, a distância de Deus.

E porque foi tão longe? Por nós; não há outra resposta. Por nós. Irmãos e irmãs, isto hoje não é um espetáculo. Cada um de nós, ouvindo referir o abandono sofrido por Jesus, diga para si mesmo: por mim. Este abandono é o preço que pagou por mim. Fez-Se solidário com cada um de nós até ao ponto extremo, para

estar connosco até ao fim. Experimentou o abandono para não nos deixar reféns da desolação e permanecer ao nosso lado para sempre. Fê-lo por mim, por ti, para que, quando eu, tu ou qualquer outro se vir encurralado à parede, perdido num beco sem saída, precipitado no abismo do abandono, sorvido no redemoinho de tantos «porquê» sem resposta, saibamos que há uma esperança: Ele, uma esperança para ti, para mim. Não é o fim, porque Jesus esteve ali e agora está contigo: Ele que sofreu a distância causada pelo abandono para acolher no seu amor todas as nossas distâncias. A fim de que possa cada um de nós dizer: nas minhas quedas (cada um de nós caiu tantas vezes!), na minha desolação, quando me sinto traído ou traí os outros, quando me sinto descartado ou descarto os outros, quando me sinto abandonado ou abandonei os outros, pensemos que Ele foi abandonado, traído, descartado. Nisto encontramos-Lo a Ele. Quando me sinto transviado e perdido, quando não aguento mais, Ele está comigo; nos meus tantos porquê sem resposta, Ele está neles.

É assim que o Senhor nos salva: a partir de dentro dos nossos «porquê». De lá, descerra a esperança que não desilude. De facto, na cruz, enquanto experimenta o abandono extremo, não Se deixa cair no desespero – este é o limite –, mas reza e entrega-Se: grita o seu «porquê» com as palavras de um Salmo (22/21, 2) e entrega-Se nas mãos do Pai, embora O sinta distante (cf. Lc 23, 46) ou nem O sinta sequer, porque Se encontra abandonado. No abandono, entrega-Se. No abandono, continua a amar os Seus que O deixaram sozinho. No abandono, perdoa aos que O crucificaram (cf. Lc 23, 34). E assim o abismo dos nossos inúmeros males é imerso num amor maior, de tal modo que cada uma das nossas separações se transforma em comunhão.

Irmãos e irmãs, um amor assim como o de Jesus, que dá tudo por nós, até ao fim, é capaz de transformar os nossos corações de pedra em corações de carne. É um amor de piedade, ternura

e compaixão. Este é o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. Deus é assim.

Cristo, abandonado, impele-nos a procurá-Lo e a amá-Lo nos abandonados. Porque neles, não temos apenas necessitados, mas temo-Lo a Ele, Jesus Abandonado, Aquele que nos salvou descendo até ao fundo da nossa condição humana. Ele está com cada um deles, abandonados até à morte... Penso naquele homem dito «vadio por estrada», alemão, que morreu sob a colunata, sozinho, abandonado. É Jesus para cada um de nós. Muitos precisam da nossa proximidade, tantos abandonados. Também eu preciso que Jesus me acaricie e Se aproxime de mim, e, para isso, vou encontrá-Lo nos abandonados, nas pessoas sozinhas. Ele deseja que cuidemos dos irmãos e irmãs que mais se parecem com Ele, com Ele no ato extremo do sofrimento e da solidão.

Hoje, queridos irmãos e irmãs, há tantos «cristos abandonados». Há povos inteiros explorados e deixados à própria sorte; há pobres que vivem nas encruzilhadas das nossas estradas e cujo olhar não temos a coragem de fixar; há migrantes, que já não são rostos, mas números; há reclusos rejeitados, pessoas catalogadas como problema.

Mas há também muitos cristos abandonados invisíveis, escondidos, que são descartados de forma «elegante»: crianças nascituras, idosos deixados sozinhos – podem porventura ser o teu pai, a tua mãe, o avô, a avó, abandonados nos lares de terceira idade –, doentes não visitados, pessoas portadoras de deficiência ignoradas, jovens que sentem dentro um grande vazio sem que ninguém escute verdadeiramente o seu grito de dor. E não encontram outra estrada senão o suicídio. Os abandonados de hoje. Os cristos de hoje.

Jesus abandonado pede-nos para termos olhos e coração para os abandonados. Para nós, discípulos do Abandonado, ninguém pode ser marginalizado, ninguém pode ser deixado a si mesmo; porque – recordemo-lo – as pessoas rejeitadas e excluídas são ícones vivos de Cristo, recordam-nos o seu amor louco, o seu abandono que nos salva de toda a solidão e desolação.

Irmãos e irmãs, peçamos hoje esta graça: saber amar Jesus abandonado e saber amar Jesus em cada abandonado, em cada abandonada. Peçamos a graça de saber ver, saber reconhecer o Senhor que continua a clamar neles. Não permitamos que a sua voz se perca no silêncio ensurdecador da indiferença. Não fomos deixados sozinhos por Deus; cuidemos de quem é deixado só.

Então, só então, faremos nossos os desejos e os sentimentos d'Aquele que por nós «Se esvaziou a Si mesmo» (Flp 2, 7).

Esvaziou-se totalmente por nós.

Ungidos pelo Espírito

*Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal,
em 06 de abril.*

«O Espírito do Senhor está sobre mim» (Lc 4, 18): partindo deste versículo começou a pregação de Jesus e, do mesmo versículo, partiu a Palavra que hoje escutamos (cf. Is 61, 1). Portanto, no princípio, está o Espírito do Senhor.

E é sobre Ele que hoje quero refletir convosco, amados irmãos, pois, sem o Espírito do Senhor, não há vida cristã e, sem a sua unção, não há santidade.

O Espírito é o protagonista e é bom hoje, no dia do nascimento do sacerdócio, reconhecer que Ele está na origem do nosso ministério, da vida e da vitalidade de cada Pastor.

Com efeito, a santa Mãe Igreja ensina-nos a professar que é o Espírito Santo que «dá a vida»¹, como afirmou Jesus, quando disse: «É o Espírito quem dá a vida» (Jo 6, 63); ensinamento retomado pelo apóstolo Paulo, quando escreve que «a letra mata, enquanto o Espírito dá vida» (2 Cor 3, 6) e falou da «lei do Espírito, que dá a vida (...) em Cristo Jesus» (Rm 8, 2).

Sem Ele, nem sequer a Igreja seria a Esposa viva de Cristo, mas, no máximo, uma organização religiosa, mais ou menos boa; não seria o Corpo de Cristo, mas um templo construído por mãos de homem.

Então como edificar a Igreja senão a partir do facto de sermos «templos do Espírito Santo» (1 Cor 6, 19; 3, 16), que habita em nós? Não podemos deixá-Lo fora de casa ou arrumá-Lo em qualquer área devocional, mas colocá-Lo no centro.

Precisamos diariamente de dizer: «Vinde, porque sem a vossa força e favor clemente, nada há no homem que seja inocente»².

Cada um de nós pode dizer: O Espírito do Senhor está sobre mim.

E não é presunção, é realidade, já que cada cristão, e de modo particular cada sacerdote, pode fazer suas as palavras que se lhe seguem: «porque o Senhor me consagrou com a unção» (Is 61, 1).

Irmãos, sem mérito nosso, por pura graça, recebemos uma unção que nos fez pais e pastores no Povo santo de Deus. Detenhamo-nos, pois, neste aspeto do Espírito: a unção.

Depois da primeira «unção» que aconteceu no ventre de Maria, o Espírito desceu sobre Jesus no Jordão. Em seguida, como explica São Basílio, «cada ação [de Cristo] gozava da com-presença do Espírito Santo»³. Pois, com o poder daquela unção, Ele pregava

¹ Credo de Niceia-Constantinopla

² Sequência, na Missa de Pentecostes.

³ Liber de Spiritu Sancto XVI, 39.

e realizava sinais, em virtude daquela unção «emanava d'Ele uma força que a todos curava» (Lc 6, 19).

Jesus e o Espírito trabalham sempre juntos, como se fossem as duas mãos do Pai – assim o diz Santo Ireneu⁴ – que, estendidas para nós, nos abraçam e levantam. E, por elas, foram marcadas as nossas mãos, unguidas pelo Espírito de Cristo.

Sim, irmãos, o Senhor não Se limitou a escolher-nos e chamar-nos ora daqui ora dali, mas infundiu em nós a unção do seu Espírito, o mesmo que desceu sobre os Apóstolos. Irmãos, somos «ungidos».

Fixemos então o nosso olhar nos Apóstolos. Jesus escolheu-os e, à sua chamada, deixaram os barcos, as redes, a casa, etc. A unção da Palavra mudou-lhes a vida. Com entusiasmo, seguiram o Mestre e começaram a pregar, convencidos que, depois, realizariam coisas ainda maiores; até que chegou a Páscoa. Parece que então tudo ficou suspenso: chegaram a negar e abandonar o Mestre.

Não devemos ter medo, sejamos corajosos a ler a nossa própria vida e as nossas quedas. Chegaram a negar e abandonar o Mestre, a começar por Pedro. Puderam dar-se conta do grande desajustamento entre a visão deles e a de Jesus, e perceberam que não O tinham compreendido: a frase «não conheço esse homem» (Mc 14, 71), que Pedro alegou no pátio do sumo sacerdote depois da Última Ceia, não é mera defesa impulsiva, mas uma admissão de ignorância espiritual: ele e os outros talvez estivessem à espera duma vida de sucessos atrás dum Messias que arrastava multidões e fazia prodígios, mas não reconheciam o escândalo da cruz, que esfarelou as suas certezas.

Jesus sabia que eles, sozinhos, não conseguiriam e, por isso, prometeu-lhes o Paráclito. E foi precisamente aquela «segunda unção», no Pentecostes, que transformou os discípulos, levando-os a apascentar o rebanho de Deus, e já não a si mesmos.

⁴ Cf. *Adversus haereses* IV, 20, 1

Esta é a contradição que temos de resolver: sou pastor do povo de Deus ou de mim mesmo? E, para me ensinar a estrada, temos o Espírito.

Foi aquela unção de fogo que extinguiu uma religiosidade centrada neles mesmos e nas próprias capacidades: acolhido o Espírito, evaporam-se os medos e as hesitações de Pedro; Tiago e João, consumidos pelo anseio de dar a vida, deixam de procurar lugares de honra (cf. Mc 10, 35-45), o nosso carreirismo, irmãos; os outros deixam de estar fechados e temerosos no Cenáculo, mas saem e tornam-se apóstolos pelo mundo inteiro.

É o Espírito que muda o nosso coração, que o coloca num plano diverso.

Irmãos, um itinerário semelhante abraça a nossa vida sacerdotal e apostólica. Também para nós houve uma primeira unção, com início numa chamada cheia de amor que nos arrebatou o coração. Por ela, soltamos as amarras e, sobre um genuíno entusiasmo, desceu a força do Espírito que nos consagrou. Depois, segundo os tempos de Deus, havia de chegar para cada um a etapa pascal, que marca a hora da verdade.

Trata-se dum momento de crise, que possui várias formas. A todos sucede, mais cedo ou mais tarde, experimentar desilusões, cansaços e fraquezas, com o ideal que parece diluir-se perante as exigências da realidade, substituído por uma certa rotina; e algumas provações – difíceis de imaginar antes – fazem aparecer a fidelidade mais incômoda do que outrora.

Esta etapa – a da tentação, da prova que todos nós tivemos, temos e teremos – esta etapa representa, para quem recebeu a unção, um cume decisivo. Dele, pode-se sair mal, deixando-se planar rumo a uma certa mediocridade, arrastando-se cansado numa «normalidade» cinzenta onde se insinuem três perigosas tentações: a da acomodação, em que a pessoa se contenta com o que pode fazer; a da substituição, em que se tenta «recarregar» o espírito com algo diferente da nossa unção; a do desânimo – a mais comum –, em que, insatisfeitos, se avança por inércia.

E aqui está o grande risco: permanecem intactas as aparências – sou sacerdote, sou padre –, enquanto a pessoa se fecha em si mesma e conduz a vida na apatia; a fragrância da unção deixou de perfumar a vida, e o coração, em vez de se dilatar, restringe-se envolvido pelo desencanto. É um destilado, sabeis? Quando o sacerdócio desliza lentamente para o clericalismo e o padre esquece-se de ser pastor do povo, para se tornar um clérigo de Estado.

Mas aquela crise pode tornar-se também um ponto de viragem no sacerdócio, a «etapa decisiva da vida espiritual, em que se deve efetuar a última escolha entre Jesus e o mundo, entre a heroicidade da caridade e a mediocridade, entre a cruz e um certo bem-estar, entre a santidade e uma honesta fidelidade ao compromisso religioso»⁵.

No final desta celebração, vão dar-vos de presente um clássico, um livro que trata deste problema: «A segunda chamada». É um clássico do Padre Voillaume, que aborda este problema. Lede-o! Com efeito todos nós precisamos de refletir sobre este momento do nosso sacerdócio. É o momento abençoado em que nós, como os discípulos na Páscoa, somos chamados a ser «suficientemente humildes para nos confessarmos vencidos por Cristo humilhado e crucificado, e para aceitarmos iniciar um novo caminho, o do Espírito, da fé e dum amor forte e sem ilusões»⁶. É o chairo, no qual se descobre que «o todo não se reduz a abandonar o barco e as redes para seguir Jesus durante um certo tempo, mas exige ir até ao Calvário, acolher a sua lição e fruto, e ir com a ajuda do Espírito Santo até ao fim duma vida que deve terminar na perfeição da Caridade divina»⁷.

⁵ R. Voillaume, «La seconda chiamata», in S. Stevan (ed.), *La seconda chiamata. Il coraggio della fragilità* (Bolonha 2018), 15.

⁶ *Ibid.*, 24.

⁷ *Ibid.*, 16.

Com a ajuda do Espírito Santo: é o tempo para nós, como o foi para os Apóstolos, duma «segunda unção», tempo duma segunda chamada que devemos escutar para receber a segunda unção, em que se acolhe o Espírito não sobre o entusiasmo dos nossos sonhos, mas na fragilidade da nossa realidade. É uma unção que mostra a verdade no mais fundo de nós mesmos e que permite ao Espírito ungir as nossas fragilidades, os nossos cansaços, a nossa pobreza interior. Então a unção volta a perfumar d'Ele, não de nós.

Neste momento, interiormente, recordo alguns de vós que estão em crise – digamos assim – que estão desorientados e não sabem como retomar o caminho, como voltar ao caminho nesta segunda unção do Espírito.

A estes irmãos – tenho-os presente – digo simplesmente: Coragem, o Senhor é maior que as tuas fraquezas, os teus pecados. Entrega-te ao Senhor e deixa-te chamar uma segunda vez, esta vez com a unção do Espírito Santo.

A vida dupla não te ajudará; lançar tudo pela janela, também não. Olha para a frente, deixa-te acariciar pela unção do Espírito Santo.

E o caminho para este passo de amadurecimento é admitir a verdade da própria fragilidade. A isto nos exorta «o Espírito da Verdade» (Jo 16, 13), que nos leva a olhar profundamente dentro de nós mesmos, a perguntar-nos: a minha realização depende da minha habilidade, da função que consigo obter, dos elogios que recebo, da carreira que faço, dos superiores ou colaboradores que tenho, das comodidades que me posso assegurar, ou então depende da unção que perfuma a minha vida?

Irmãos, a maturidade sacerdotal passa pelo Espírito Santo, realiza-se quando Ele Se torna o protagonista da nossa vida. Então tudo muda de perspectiva, inclusive as desilusões e amarguras – mesmo os pecados –, porque já não se trata de procurar aperfeiçoar-se ajustando qualquer coisa, mas de nos entregarmos, sem nada reter para nós, Àquele que nos impregnou na sua unção e quer descer até ao fundo de nós mesmos.

Irmãos, então voltaremos a descobrir que a vida espiritual torna-se livre e feliz, não quando se salvam as aparências e se coloca um remendo, mas quando se deixa a iniciativa ao Espírito e, abandonados aos seus desígnios, nos dispomos a servir onde e como nos for pedido: o nosso sacerdócio cresce, não com remendos, mas por transbordamento!

Se deixarmos agir em nós o Espírito da Verdade, guardaremos a unção – guardar a unção –, porque virão imediatamente à luz do dia as falsidades – as hipocrisias clericais –, as falsidades com que somos tentados a viver. E o Espírito, que «lava o que [no homem] há de impuro», sugerir-nos-á sem descanso para não mancharmos minimamente a unção.

Vem-me à mente aquela frase de Qohélet, que diz: «Uma mosca morta infeta e estraga o azeite perfumado» (10, 1). É verdade! Toda a duplicidade – incluindo a duplicidade clerical – toda a duplicidade que se insinua é perigosa: não deve ser tolerada, mas levada à luz do Espírito. Porque, se não há «nada mais enganador que o coração, tantas vezes perverso» (Jr 17, 9), o Espírito Santo, e só Ele, nos cura das infidelidades (cf. Os 14, 5).

Para nós, trata-se duma luta imprescindível: de facto é indispensável, como escreveu São Gregório Magno, que, «quem anuncia a palavra de Deus, antes se debruce sobre o seu próprio modo de viver, para que, haurindo da própria vida, aprenda o que dizer e como dizê-lo. (...)

Ninguém presuma dizer fora o que antes não ouviu dentro»⁸. E o mestre interior que devemos escutar é o Espírito, sabendo que não há nada em nós que Ele não queira ungir.

Irmãos, guardemos a unção: a invocação do Espírito seja, não uma prática ocasional, mas a respiração de cada dia. Vinde, vinde,

⁸ Homiliae in Ezechielem, I, X, 13-14.

guardai a unção. Eu, consagrado pelo Espírito, sou chamado a mergulhar n'Ele, a deixar entrar a sua luz nas minhas opacidades – temos tantas –, para reencontrar a verdade daquilo que sou.

Deixemo-nos impelir por Ele no combate às falsidades que se agitam dentro de nós; e deixemo-nos regenerar por Ele na adoração, porque, quando adoramos o Senhor, Ele derrama nos nossos corações o seu Espírito.

«O espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu: enviou-me para levar a boa-nova» (Is 61, 1; cf. Lc 4, 18-19) e levar – lê-se no prosseguimento da profecia – libertação, cura e graça; numa palavra, para levar harmonia onde não há. Pois, como diz São Basílio, «o Espírito é harmonia», é Ele que faz a harmonia.

Depois de vos ter falado da unção, quero dizer-vos algo sobre esta harmonia, que é sua consequência. De facto, o Espírito Santo é harmonia; antes de mais nada, no Céu: São Basílio explica que «toda aquela harmonia supraceleste e inefável no serviço de Deus e na sinfonia mútua das potências supracósmicas, é impossível conservá-la a não ser pela autoridade do Espírito»⁹. E, depois, na terra: na Igreja, Ele é realmente aquela «Harmonia divina e musical»¹⁰ que tudo une. Mas imaginai um presbitério sem harmonia, sem o Espírito: não funciona. Ele suscita a diversidade dos carismas e recompõe-na na unidade, cria uma concórdia que não se funda na uniformização, mas na criatividade da caridade. Assim cria harmonia entre muitos. Assim faz harmonia num presbitério.

Durante os anos do Concílio Vaticano II, que foi um dom do Espírito, um teólogo publicou um estudo no qual falava do Espírito em chave, não individual, mas plural. Convidou a imaginá-Lo como uma Pessoa divina não tanto singular, mas «plural», como o

⁹ Liber de Spiritu Sancto XVI, 38.

¹⁰ In Psalmos 29, 1.

«nós de Deus», o nós do Pai e do Filho, porque é a sua ligação; é, em Si mesmo, concórdia, comunhão, harmonia¹¹.

Recordo-me que, quando li este tratado teológico – estava em teologia, nos meus estudos – fiquei escandalizado: parecia uma heresia, porque, na nossa formação, não se compreendia bem como era o Espírito Santo.

Tudo o que deseja é criar harmonia, principalmente através daqueles sobre quem derramou a sua unção.

Irmãos, construir a harmonia entre nós não é tanto um método bom, para que a comunidade eclesial caminhe melhor, não é bailar o minuet, nem é questão de estratégia ou de cortesia, mas é sobretudo uma exigência interna na vida do Espírito.

Peca-se contra o Espírito, que é comunhão, quando nos tornamos, mesmo por frivolidade, instrumentos de divisão, por exemplo – e voltamos ao mesmo tema – com a murmuração.

Quando nos tornamos instrumentos de divisão, pecamos contra o Espírito. E faz-se o jogo do inimigo, que nunca sai a descoberto mas gosta de boatos e insinuações, fomenta partidos e fações, alimenta a nostalgia do passado, a desconfiança, o pessimismo, o medo.

Por favor, estejamos atentos a não manchar a unção do Espírito e o vestido da Santa Mãe Igreja com a desunião, com as polarizações, com qualquer falta de caridade e comunhão.

Recordemos que o Espírito, «o nós de Deus», prefere a forma comunitária, isto é, a disponibilidade acima das exigências próprias, a obediência acima dos próprios gostos, a humildade acima das próprias pretensões.

A harmonia não é apenas uma virtude entre outras. São Gregório Magno escreve: «Quanto valha a virtude da concórdia

¹¹ Cf. H. Mühlen, *Der Heilige Geist als Person. Ich – Du – Wir* (Münster in Westfália 1963).

demonstra-o o facto de que, sem ela, todas as outras virtudes não valem absolutamente nada»¹².

Ajudemo-nos, irmãos, a conservar a harmonia, conservar a harmonia – este seria o meu dever de casa – começando não pelos outros, mas pelo próprio, perguntando-me: nas minhas palavras, nos meus comentários, naquilo que digo e escrevo, há a marca do Espírito ou a do mundo?

Penso também na gentileza do sacerdote – tantas vezes nós, padres, somos uns mal-educados – : pensemos na gentileza do sacerdote se o povo, até em nós, encontra pessoas insatisfeitas, pessoas descontentes, solteirões, que criticam e acusam, onde poderá ele ver a harmonia? Quantos não se aproximam ou até se afastam, porque na Igreja não se sentem acolhidos e amados, mas olhados com desconfiança e julgados!

Em nome de Deus, acolhamos e perdoemos sempre! E lembremo-nos de que ser ríspido e lamuriento, além de não produzir nada de bom, corrompe o anúncio, porque é contratestemunho de Deus, que é comunhão e harmonia. E isto desagrada tanto e sobretudo ao Espírito Santo, que o apóstolo Paulo nos exorta a não entristecer (cf. Ef 4, 30).

Irmãos, deixo-vos estes pensamentos que me vieram do coração e concluo dirigindo-vos uma palavra simples e importante: obrigado! Obrigado pelo vosso testemunho, obrigado pelo vosso serviço; obrigado por tanto bem escondido que fazeis, obrigado pelo perdão e a consolação que ofereceis em nome de Deus: perdoai sempre, por favor, nunca negueis o perdão; obrigado pelo vosso ministério, que muitas vezes se desenrola no meio de tantas fadigas, incompreensões e pouco reconhecimento.

Irmãos, o Espírito de Deus, que não desilude quem coloca n'Ele a própria confiança, vos encha de paz e leve a bom termo aquilo que em vós começou, para serdes profetas da sua unção e apóstolos de harmonia.

12 Homiliae in Ezechielem, I, VIII, 8.

Seguir em frente

Homilia proferida pelo Papa Francisco na Vigília Pascal, na Basílica de S. Pedro.

A noite está a chegar ao fim e começam já a despontar os primeiros fulgores da aurora, quando as mulheres saem para o túmulo de Jesus. Caminham com passo incerto, olhar perdido e o coração dilacerado de dor por aquela morte que lhes arrebatou o Amado. Mas tendo chegado lá, ao ver o túmulo vazio, invertem o rumo, mudam de estrada; abandonam o sepulcro e correm a anunciar aos discípulos um percurso novo: Jesus ressuscitou e espera-os na Galileia. Na vida destas mulheres, aconteceu a Páscoa, que significa passagem: de facto, passam do caminho triste rumo ao sepulcro para uma corrida jubilosa até junto dos discípulos, a fim de lhes dizer não só que o Senhor ressuscitou, mas que há uma meta a alcançar imediatamente, a Galileia. O encontro com o Ressuscitado é lá. O renascimento dos discípulos, a ressurreição do seu coração passa pela Galileia. Entremos também nós neste caminho dos discípulos, que vai do túmulo à Galileia.

As mulheres – diz o Evangelho – «foram visitar o sepulcro» (Mt 28, 1). Pensam que Jesus Se encontre no lugar da morte, e que tudo tenha acabado para sempre. Às vezes acontece-nos, também a nós, pensar que a alegria do encontro com Jesus pertença ao passado, enquanto aquilo que o presente nos dá a conhecer são sobretudo túmulos selados: os túmulos das nossas desilusões, amarguras e difidência, os túmulos do «não há mais nada a fazer», «as coisas não mudarão jamais», «melhor gozar o dia a dia» porque «do amanhã não estamos seguros». Também nós, se fomos amofinados pela dor, oprimidos pela tristeza, humilhados pelo pecado, amargurados por algum fracasso ou pressionados por alguma

preocupação, experimentamos o gosto amargo do cansaço e vimos a alegria apagar-se no coração.

Às vezes notamos simplesmente o peso de levar por diante a vida quotidiana, cansados de arriscar pessoalmente contra uma espécie de muro de borracha dum mundo onde parecem prevalecer sempre as leis do mais astuto e do mais forte. Outras vezes sentimo-nos impotentes e desanimados perante o poder do mal, os conflitos que dilaceram as relações, as lógicas feitas de cálculo e indiferença que parecem governar a sociedade, o câncer da corrupção – e há tanta –, a propagação da injustiça, os ventos gélidos da guerra. Mais ainda, talvez nos tenhamos defrontado com a morte, ao roubar-nos a doce presença dos nossos queridos ou roçar-nos por um triz na doença ou nas calamidades, e facilmente cáimos vítimas da desilusão e secou a fonte da esperança. Assim, por estas ou outras situações – cada um de nós conhece as suas –, os nossos caminhos detêm-se perante túmulos e nós ficamos imóveis a chorar e lamentar-nos, repetindo, sozinhos e impotentes, os nossos «porquês». Aquela cadeia de «porquês»...

Ao contrário, as mulheres na Páscoa não ficam paralisadas diante dum túmulo, mas – diz o Evangelho – «afastando-se rapidamente do sepulcro, cheias de temor e grande alegria, as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos» (28, 8). Levam a notícia que mudará para sempre a vida e a história: Cristo ressuscitou! (28, 6). E, ao mesmo tempo guardam e transmitem a recomendação do Senhor, o seu convite aos discípulos, ou seja, que partam para a Galileia, porque lá O verão (cf. 28, 7). Mas, irmãos e irmãs, perguntamo-nos hoje: que significa ir para a Galileia? Duas coisas: a primeira, sair da clausura do Cenáculo partindo para a região habitada pelos gentios (cf. Mt 4, 15), sair do escondimento para se abrir à missão, escapar do medo para caminhar rumo ao futuro. A segunda – e isto é maravilhoso –, voltar às origens, porque precisamente na Galileia é que tudo

começara. Lá o Senhor encontrara e chamara pela primeira vez os discípulos. Portanto, ir para a Galileia é voltar à graça primordial, é readquirir a memória que regenera a esperança, a «memória do futuro» com que fomos marcados pelo Ressuscitado.

Vemos assim o que faz a Páscoa do Senhor: impele-nos a seguir em frente, sair da sensação de derrota, rolar a pedra dos sepulcros onde muitas vezes encerramos a esperança, olhar o futuro com confiança, porque Cristo ressuscitou e mudou a direção da história; mas, para o conseguir, a Páscoa do Senhor leva-nos ao nosso passado de graça, faz-nos regressar à Galileia, onde teve início a nossa história de amor com Jesus, onde ocorreu o primeiro chamamento. Por outras palavras, pede-nos para reviver o momento, a situação, a experiência em que encontramos o Senhor, experimentamos o seu amor e recebemos um olhar novo e luminoso sobre nós mesmos, sobre a realidade, sobre o mistério da vida. Irmãos e irmãs, para ressuscitar, recomeçar, retomar o caminho, precisamos sempre de voltar à Galileia, isto é, voltar, não a um Jesus abstrato, ideal, mas à memória viva, à memória concreta e palpitante do primeiro encontro com Ele. Sim, para caminhar devemos recordar; para ter esperança devemos nutrir a memória. E este é o convite: recorda e caminha! Se recuperares o primeiro amor, o deslumbramento e a alegria do encontro com Deus, seguirás para a frente. Recorda e caminha.

Recorda a tua Galileia, e caminha para a tua Galileia. É o «lugar» onde conhecestes pessoalmente Jesus, onde Ele deixou de ser, para ti, uma personagem histórica como outras, tornando-Se a pessoa da tua vida: não um Deus distante, mas o Deus próximo, que te conhece melhor do que ninguém e te ama mais do que qualquer outra pessoa. Irmão, irmã, traz à memória a Galileia, a tua Galileia: a Galileia da tua chamada, daquela Palavra de Deus que, num momento concreto, foi dirigida precisamente a ti; daquela forte experiência no Espírito, da maior alegria do perdão sentida

depois daquela Confissão, daquele momento intenso e inesquecível de oração, daquela luz que se acendeu no teu íntimo e transformou a tua vida, daquele encontro, daquela peregrinação, etc. Cada um de nós sabe onde se encontra a sua Galileia, cada um de nós conhece o próprio lugar da ressurreição interior, lugar inicial, fundante, que mudou as coisas. Não podemos deixá-lo no passado, o Ressuscitado convida-nos a ir até lá, para celebrar a Páscoa. Recorda a tua Galileia, trá-la à memória, reaviva-a hoje mesmo. Volta àquele primeiro encontro. Interroga-te como e quando foi, reconstrói o seu contexto, tempo e lugar, repassa a emoção e as sensações, revive as suas cores e sabores. Com efeito, tu sabes, foi quando esqueceste aquele primeiro amor, quando olvidaste aquele primeiro encontro que começou a depositar-se o pó no teu coração. E experimentaste a tristeza e, como para os discípulos, tudo parecia carecido de perspectiva, com um rochedo selando a esperança. Mas hoje, irmão, irmã, a força da Páscoa convida a rolar para fora as pedras da desilusão e da desconfiança; o Senhor, perito em derubar as pedras tumulares do pecado e do medo, quer iluminar a tua memória santa, a tua recordação mais bela, tornar atual aquele primeiro encontro com Ele. Recorda e caminha: volta para Ele, redescobre a graça da ressurreição de Deus em ti! Volta à Galileia, volta à tua Galileia.

Irmãos, irmãs, sigamos Jesus até à Galileia, encontremo-Lo e adoremo-Lo lá onde Ele espera cada um de nós. Revivamos a beleza daquele momento em que, depois de O ter descoberto vivo, O proclamamos Senhor da nossa vida. Voltemos à Galileia, à Galileia do primeiro amor, cada um volte à sua própria Galileia, a do primeiro encontro, e ressurgamos para uma vida nova!

Mensagem urbi et orbi

Mensagem urbi et orbi do Papa Francisco proferida no dia de Páscoa do Balcão central da Basílica Vaticana.

Queridos irmãos e irmãs, Cristo ressuscitou!

Hoje proclamamos que Ele, o Senhor da nossa vida, é «a ressurreição e a vida» (Jo 11, 25) do mundo. É Páscoa, que significa «passagem», porque, em Jesus, realizou-se a passagem decisiva da humanidade, ou seja, a passagem da morte à vida, do pecado à graça, do medo à confiança, da desolação à comunhão. N’Ele, Senhor do tempo e da história, quero, com o coração repleto de alegria, dizer a todos: feliz Páscoa!

Seja ela para cada um de vós, queridos irmãos e irmãs, em particular para os doentes e os pobres, os idosos e quantos atravessam momentos de provação e dificuldade, uma passagem da tribulação à consolação. Não estamos sozinhos: Jesus, o Vivente, está connosco para sempre. Alegrem-se a Igreja e o mundo, porque hoje as nossas esperanças já não se quebram contra o muro da morte, mas o Senhor abriu-nos uma ponte para a vida. Sim, irmãos e irmãs! Na Páscoa, mudaram as sortes do mundo, e hoje (dia que coincide com a data mais provável da ressurreição de Cristo) podemos alegrar-nos de celebrar, por pura graça, o dia mais importante e belo da história.

Cristo ressuscitou, ressuscitou verdadeiramente: como se proclama nas Igrejas do Oriente. O termo verdadeiramente diz-nos que a esperança não é uma ilusão; é verdade! E que, a partir da Páscoa, o caminho da humanidade assinalado pela esperança é percorrido com passo mais rápido. Assim no-lo mostram, com o seu exemplo, as primeiras testemunhas da Ressurreição. Os Evan-

gelhos narram aquela pressa boa com que, no dia de Páscoa, «as mulheres correram a dar a notícia aos discípulos» (Mt 28, 8). E ainda que Maria de Magdala, «correndo, foi ter com Simão Pedro» (Jo 20, 2); e em seguida João e o próprio Pedro «corriam os dois juntos» (20, 4) para chegar ao lugar onde Jesus estivera sepultado. E ao entardecer daquele dia de Páscoa, depois de terem encontrado o Ressuscitado no caminho para Emaús, os dois discípulos «voltaram imediatamente para Jerusalém» (Lc 24, 33) percorrendo a toda a pressa vários quilômetros em subida e na escuridão da noite, movidos pela alegria irrefreável da Páscoa que inflamava os seus corações (cf. 24, 32). A mesma alegria pela qual Pedro, ao ver Jesus ressuscitado nas margens do lago da Galileia, não pôde demorar-se no barco com os outros, mas lançou-se logo à água nadando velozmente ao encontro d'Ele (cf. Jo 21, 7). Em suma, na Páscoa, acelera-se o passo na caminhada que se torna uma corrida, porque a humanidade vê a meta do seu percurso, o sentido do seu destino, Jesus Cristo, e é chamada a apressar-se ao encontro d'Ele, esperança do mundo.

Apressemos-nos, também nós, a crescer num caminho de confiança recíproca: confiança entre as pessoas, entre os povos e as nações. Deixemo-nos surpreender pelo anúncio feliz da Páscoa, pela luz que ilumina as trevas e obscuridades em que demasiadas vezes se encontra envolvido o mundo.

Apressemos-nos a superar os conflitos e as divisões, e a abrir os nossos corações aos mais necessitados. Apressemos-nos a percorrer sendas de paz e fraternidade. Alegremo-nos com os sinais concretos de esperança que nos chegam de tantos países, a começar daqueles que oferecem assistência e hospitalidade a quantos fogem da guerra e da pobreza.

Entretanto, ao longo do caminho, há ainda muitas pedras de tropeço, que tornam árduo e fadigoso este apressarmo-nos para

o Ressuscitado. Supliquemos-Lhe: Ajudai-nos a correr ao vosso encontro! Ajudai-nos a abrir os nossos corações!

Ajudai o amado povo ucraniano no caminho para a paz, e derramai a luz pascal sobre o povo russo. Confortai os feridos e quantos perderam os seus entes queridos por causa da guerra e fazei que os prisioneiros possam voltar sãos e salvos para as suas famílias. Abri os corações de toda a Comunidade Internacional para que se esforcem por fazer cessar esta guerra e todos os conflitos que ensanguentam o mundo, a começar pela Síria, que ainda espera a paz. Sustentai quantos foram atingidos pelo violento terremoto na Turquia e na própria Síria. Rezemos por aqueles que perderam familiares e amigos e ficaram sem casa: possam receber conforto de Deus e ajuda da família das nações.

Neste dia confiamo-Vos, Senhor, a cidade de Jerusalém, primeira testemunha da vossa Ressurreição. Expresso profunda preocupação com os ataques dos últimos dias que ameaçam o desejado clima de confiança e respeito mútuo, necessário para se retomar o diálogo entre israelenses e palestinos, de modo que a paz reine na Cidade Santa e em toda a região.

Ajudai, Senhor, o Líbano, ainda à procura de estabilidade e unidade, para que supere as divisões e todos os cidadãos trabalhem, juntos, pelo bem comum do país.

Não Vos esqueçais do querido povo da Tunísia, especialmente dos jovens e daqueles que sofrem por causa dos problemas sociais e económicos, a fim de não perder a esperança e colaborar na construção dum futuro de paz e fraternidade.

Olhai para o Haiti, que há vários anos está a sofrer uma grave crise sociopolítica e humanitária, e sustentai o empenho dos atores políticos e da Comunidade Internacional na busca duma solução

definitiva para os inúmeros problemas que afligem aquela população tão atribulada.

Consolidai os processos de paz e reconciliação empreendidos na Etiópia e no Sudão do Sul e fazei cessar as violências na República Democrática do Congo.

Sustentai, Senhor, as comunidades cristãs que hoje celebram a Páscoa em circunstâncias particulares, como sucede na Nicarágua e na Eritreia, e lembrai-Vos de todos aqueles a quem é impedido professar, livre e publicamente, a sua fé. Dai conforto às vítimas do terrorismo internacional, especialmente no Burkina Faso, Mali, Moçambique e Nigéria.

Ajudai o Myanmar a percorrer caminhos de paz e iluminai os corações dos responsáveis para que o martirizado povo roynga encontre justiça.

Confortai os refugiados, os deportados, os prisioneiros políticos e os migrantes, especialmente os mais vulneráveis, bem como todos aqueles que sofrem com a fome, a pobreza e os efeitos nocivos do narcotráfico, do tráfico de pessoas e de toda a forma de escravidão. Inspirai, Senhor, os responsáveis das nações, para que nenhum homem ou mulher seja discriminado e espezinhado na sua dignidade; para que, no pleno respeito dos direitos humanos e da democracia, se curem estas chagas sociais, se procure sempre e só o bem comum dos cidadãos, se garanta a segurança e as condições necessárias para o diálogo e a convivência pacífica.

Irmãos, irmãs, voltemos também nós a encontrar o gosto do caminho, aceleremos o pulsar da esperança, saboreemos a beleza do Céu! Tiremos deste Dia as energias para continuar ao encontro do Bem que não desilude. E, se «o maior pecado – como escreveu um antigo Padre – é não acreditar nas energias da Ressurreição» (Santo

Isaac de Nínive, Sermões ascéticos, I, 5), hoje acreditemos! «Sim, temos a certeza: verdadeiramente Cristo ressuscitou» (Sequência). Acreditamos em Vós, Senhor Jesus, acreditamos que convosco renasce a esperança, o caminho continua. Vós, Senhor da vida, encorajai os nossos caminhos e repeti, também a nós, como aos discípulos na noite de Páscoa: «A paz esteja convosco» (Jo 20, 19.21).

Vocação: graça e missão

Mensagem do Papa Francisco para o 60.º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, que se celebrou em 30 de abril.

Amados irmãos e irmãs, queridos jovens!

É a sexagésima vez que se celebra o Dia Mundial de Oração pelas Vocações, instituído por São Paulo VI em 1964, durante o Concílio Ecuménico Vaticano II. Esta providencial iniciativa visa ajudar os membros do Povo de Deus a responder, pessoalmente e em comunidade, à chamada e à missão que o Senhor confia a cada um no mundo de hoje, com as suas feridas e as suas esperanças, os seus desafios e as suas conquistas.

Neste ano, proponho-vos refletir e rezar guiados pelo tema «Vocação: graça e missão». É uma preciosa ocasião para redescobrir, maravilhados, que a chamada do Senhor é graça, dom gratuito e, ao mesmo tempo, é empenho de partir, sair para levar o Evangelho. Somos chamados a uma fé testemunhada, que estreita fortemente o vínculo entre a vida da graça, através dos Sacramentos e da comunhão eclesial, e o apostolado no mundo. Animado pelo

Espírito, o cristão deixa-se interpelar pelas periferias existenciais e é sensível aos dramas humanos, tendo sempre bem presente que a missão é obra de Deus e não a realizamos sozinhos, mas em comunhão eclesial, juntamente com os irmãos e irmãs, guiados pelos Pastores. Pois este sempre foi o sonho de Deus: vivermos com Ele em comunhão de amor.

Escolhidos antes da criação do mundo

O apóstolo Paulo abre-nos de par em par um horizonte maravilhoso: Deus Pai «escolheu-nos em Cristo antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor. Predestinou-nos para sermos adotados como seus filhos por meio de Jesus Cristo, de acordo com o beneplácito da sua vontade» (Ef 1, 4-5). São palavras que nos permitem ver a vida no seu sentido pleno: Deus «concebe-nos» à sua imagem e semelhança e quer-nos seus filhos: fomos criados pelo Amor, por amor e com amor, e somos feitos para amar.

No decurso da nossa vida, esta chamada, inscrita nas fibras do nosso ser e portadora do segredo da felicidade, alcança-nos, pela ação do Espírito Santo, de maneira sempre nova, ilumina a nossa inteligência, infunde vigor na vontade, enche-nos de admiração e faz arder o nosso coração. Às vezes irrompe até de forma inesperada. Assim aconteceu comigo em 21 de setembro de 1953, quando, a caminho da festa anual do estudante, senti o impulso de entrar na igreja e me confessar. Aquele dia mudou a minha vida, dando-lhe uma fisionomia que dura até hoje. Mas a chamada divina ao dom de nós mesmos abre estrada gradualmente, através dum caminho: em contacto com uma situação de pobreza, num momento de oração, graças a um claro testemunho do Evangelho, a uma leitura que nos abre a mente, quando ouvimos uma Palavra de Deus e a sentimos dirigida precisamente a nós, no conselho dum irmão ou uma irmã que nos acompanha, num período de doença ou de luto... A fantasia de Deus que nos chama é infinita.

E a sua iniciativa e dom gratuito esperam a nossa resposta. A vocação é uma «combinação entre a escolha divina e a liberdade humana»,¹³ uma relação dinâmica e estimulante que tem como interlocutores Deus e o coração humano. Assim, o dom da vocação é como uma semente divina que germina no terreno da nossa vida, abre-nos a Deus e abre-nos aos outros para partilhar com eles o tesouro encontrado. Esta é a estrutura fundamental daquilo que entendemos por vocação: Deus chama amando, e nós, agradecidos, respondemos amando. Descobrimo-nos como filhos e filhas amados pelo mesmo Pai, e reconhecemo-nos como irmãos e irmãs entre nós. Santa Teresa do Menino Jesus, quando «viu» com clareza esta realidade, exclamou: «Encontrei finalmente a minha vocação! A minha vocação é o amor! Sim, encontrei o meu lugar na Igreja (...): no coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor»¹⁴.

Eu sou uma missão nesta terra

Como dissemos, a chamada de Deus inclui o envio. Não há vocação sem missão. E não há felicidade e plena autorrealização sem oferecer aos outros a vida nova que encontramos. A chamada divina ao amor é uma experiência que não se pode calar. «Ai de mim, se eu não evangelizar!»: exclamava São Paulo (1 Cor 9, 16). E a I Carta de João começa assim: «O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram relativamente ao Verbo da Vida [feito carne] (...), isso vos anunciamos (...) para que a nossa alegria seja completa» (1, 1.3.4).

Há cinco anos, na exortação apostólica *Gaudete et exsultate*, dizia eu a cada batizado e batizada: «Também tu precisas de conceber

¹³ Sínodo dos Bispos – XV Assembleia Geral Ordinária (2018), Documento final *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 78.

¹⁴ Manuscrito B, redigido durante o seu último Retiro (setembro de 1896): *Opere complete* (Roma 1997), 223.

a totalidade da tua vida como uma missão» (n. 23). Sim, porque cada um de nós, sem exceção, pode dizer: «Eu sou uma missão nesta terra e para isso estou neste mundo» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

A missão comum a todos nós, cristãos, é testemunhar com alegria, em cada situação, por atitudes e palavras, aquilo que experimentamos estando com Jesus e na sua comunidade, que é a Igreja. E traduz-se em obras de misericórdia materiais e espirituais, num estilo de vida acolhedor e sereno, capaz de proximidade, compaixão e ternura, em contracorrente à cultura do descarte e da indiferença. Fazer-nos próximo como o bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) permite-nos compreender o «núcleo» da vocação cristã: imitar Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido (cf. Mc 10, 45).

Esta ação missionária não nasce simplesmente das nossas capacidades, intenções ou projetos, nem da nossa vontade nem mesmo do nosso esforço de praticar as virtudes, mas duma profunda experiência com Jesus. Só assim podemos tornar-nos testemunhas de Alguém, duma Vida; e é isso que nos torna «apóstolos». Reconhecemo-nos então «como que marcados a fogo por esta missão de iluminar, abençoar, vivificar, levantar, curar, libertar» (Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 273).

Temos um ícone evangélico desta experiência nos dois discípulos de Emaús. Estes, depois do encontro com Jesus ressuscitado, confienciavam um ao outro: «Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (Lc 24, 32). Podemos ver neles o que significa ter «corações ardentes e pés ao caminho»¹⁵. É o que desejo também para a próxima Jornada

¹⁵ Francisco, Mensagem para o 97º Dia Mundial das Missões (6 de janeiro

Mundial da Juventude em Lisboa, que aguardo com alegria e que tem como lema: «Maria levantou-se e partiu apressadamente» (Lc 1, 39). Que cada um e cada uma se sinta chamado a levantar-se e partir apressadamente, com coração ardente!

Chamados juntos: convocados

O evangelista Marcos narra o momento em que Jesus chamou para junto d'Ele doze discípulos, cada um pelo próprio nome. Estabeleceu-os para estarem com Ele e os enviar a pregar, curar as doenças e expulsar os demónios (cf. Mc 3, 13-15). Assim o Senhor lança as bases da sua nova Comunidade. Os Doze eram pessoas de ambientes sociais e profissões diferentes, não pertencentes às categorias mais importantes. Os Evangelhos referem ainda outras chamadas, como a dos setenta e dois discípulos que Jesus envia dois a dois (cf. Lc 10, 1).

O termo Igreja deriva precisamente de *Ekklesía*, palavra grega que significa assembleia de pessoas chamadas, convocadas, para formar a comunidade dos discípulos e discípulas missionários de Jesus Cristo, comprometendo-se a viver entre si o seu amor (cf. Jo 13, 34; 15, 12) e a espalhá-lo no meio de todos, para que venha o Reino de Deus.

Na Igreja, somos todos servos e servas, segundo diversas vocações, carismas e ministérios. A vocação ao dom de si próprio no amor, comum a todos, desenvolve-se e concretiza-se na vida dos cristãos leigos e leigas, empenhados a construir a família como uma pequena igreja doméstica e a renovar os diversos ambientes da sociedade com o fermento do Evangelho; no testemunho das consagradas e consagrados, entregues totalmente a Deus pelos irmãos e irmãs como profecia do Reino de Deus; nos ministros ordenados

(diáconos, presbíteros, bispos) colocados ao serviço da Palavra, da oração e da comunhão do Povo santo de Deus. Só na relação com todas as outras é que cada vocação específica na Igreja se revela plenamente com a sua própria verdade e riqueza. Neste sentido, a Igreja é uma sinfonia vocacional, com todas as vocações unidas e distintas em harmonia e juntas «em saída» para irradiar no mundo a vida nova do Reino de Deus.

Graça e missão: dom e tarefa

Amados irmãos e irmãs, a vocação é dom e tarefa, fonte de vida nova e de verdadeira alegria. Que as iniciativas de oração e animação pastoral ligadas a este Dia reforcem a sensibilidade vocacional nas nossas famílias, nas paróquias, nas comunidades de vida consagrada, nas associações e nos movimentos eclesiais. Que o Espírito do Ressuscitado nos faça sair da apatia e nos dê simpatia e empatia, para vivermos cada dia regenerados como filhos de Deus-Amor (cf. 1 Jo 4, 16) e sermos, por nossa vez, geradores no amor: capazes de levar a vida a todos os lugares, especialmente onde há exclusão e exploração, indigência e morte. Que deste modo se alarguem os espaços de amor¹⁶ e Deus reine cada vez mais neste mundo.

Acompanhe-nos neste caminho a oração composta por São Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Vocações (11 de abril de 1964):

«Ó Jesus, divino Pastor das almas, que chamastes os Apóstolos para fazer deles pescadores de homens, continuai a atrair para Vós almas ardentes e generosas de jovens, a fim de fazer deles vossos seguidores e vossos ministros; tornai-os participantes da vossa sede de redenção universal, (...) abri-lhes os horizontes do mundo inteiro, (...) para que, respondendo à vossa chamada, prolonguem

¹⁶ «Dilatentur spatia caritatis»: Santo Agostinho, Sermão 69: PL 5, 440.441.

aqui na terra a vossa missão, edifiquem o vosso Corpo místico, que é a Igreja, e sejam “sal da terra”, “luz do mundo” (Mt 5, 13)».

Que a Virgem Maria vos acompanhe e proteja. Com a minha bênção.

*Roma, São João de Latrão, no IV Domingo de Páscoa, 30 de abril de 2023.
Francisco*

